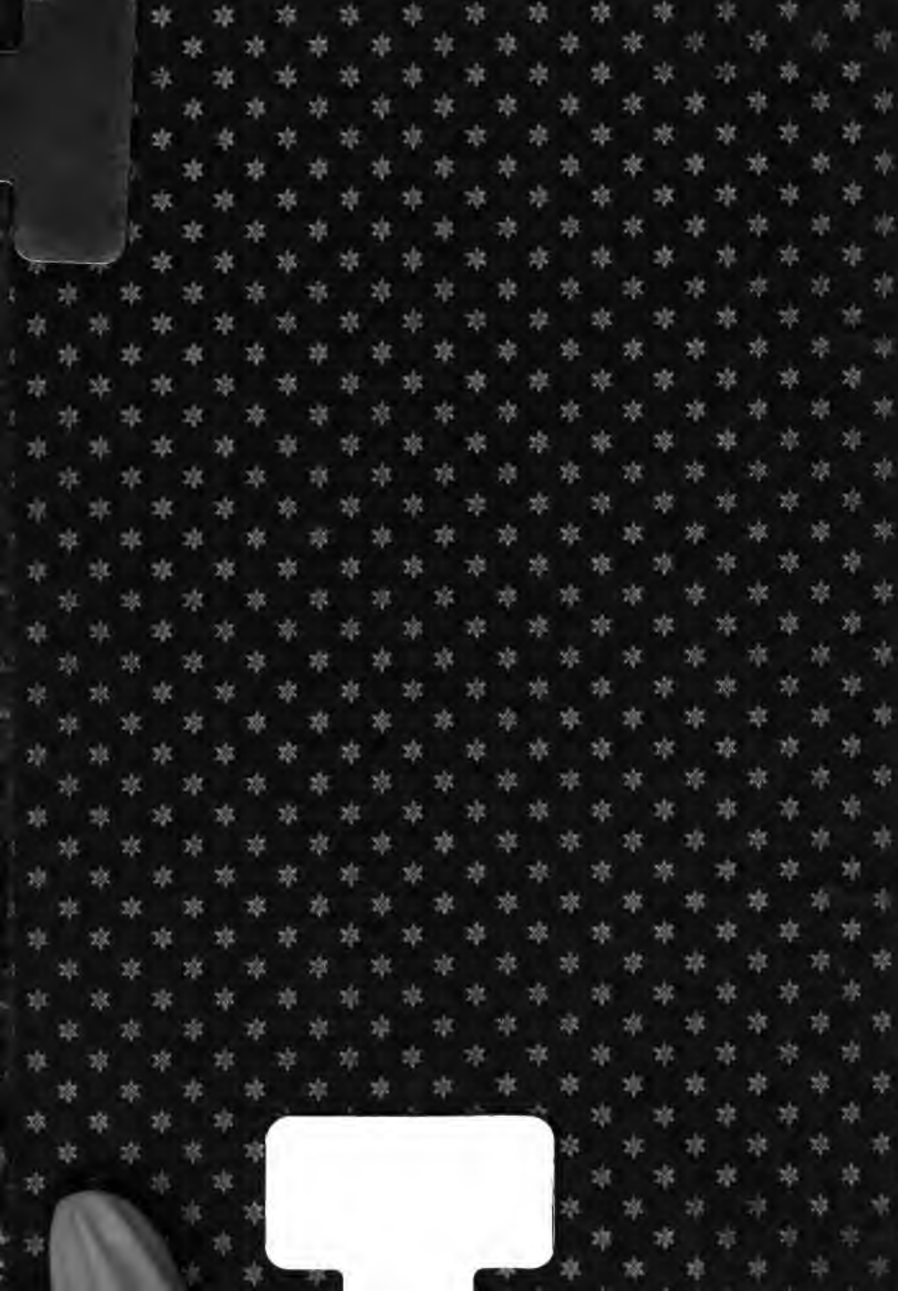






OITO ANNOS DE JORNALISMO

II

CANTOS DO FIM DO SECULO

CANTOS

DO

FIM DO SECULO

POR

Sylvio Roméro



Pas si loin! pas si haut! redescendons....
....
....
Contentons nous du mot: meilleur! écrit partout.
VICTOR HUGO



(1869—1873)



RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA FLUMINENSE
3 RUA DO EVARISTO DA VEIGA 3



1878

A POESIA DE HOJE



Um prologo a um livro de versos é cousa que se não lê, e quasi sempre com razão. Ordinariamente é alguma queixa de que a poesia definha, porque o mercantilismo a não deixa florescer, ou algum encomio estragado ás excellencias da arte que se diz, que se apregôa immortal!...

E' mania que já moléssta, uma fraqueza que se não deve escutar.

Nem ha esse desdem da parte das preoccupações positivas da sociedade, nem existe essa immortalidade que fosse agora revelada com todos os seus arrancos para o *infinito*, como diria um romantico de *genio*.

Nem tanto assim, um pouco apage! Os scismadores se illudem ; da natureza da poesia elles são os mais ignorantes. Ella é um facto commum, ordinario, vulgar da vida humana, que não deve ter a pretenção de exigir inviolabi-

lidades, nem martyrios para si. Como a linguagem, como a mythologia, como a religião, ella perdeu todos os ares de mysterio, depois que a sciencia do dia imparcial e segura penetrou, um pouco amplamente, no problema das origens. Este resultado foi devido á alta critica historica e philologica, depois que o sôpro das sciencias naturaes a rejuveneceu. A metaphysica, com todo o seu hysterismo, bem pouco contribuiu para elle.

A poesia é um resultado da organisação humana, nada tem de absoluto, nem de sobrenatural; nada tambem de desprezivel e de repugnante para nós.

Comprehende-se, á luz destas idéas, que todos conhecem, menos certa classe de litteratos, o valor do desconsolo ou do enthusiasmo de que se deixam possuir. Para elles escrevo as paginas que se seguem:

II

No meio das mutações porque hão passado todos os ramos do pensamento humano, qual será o estado a que deve ter chegado a poesia? qual o seu caracter de hoje? Esta pergunta não é nova, nem tem sido uma só a resposta a ella dada.

Não creiu que seja necessario, posto que escreva no Brazil, o apontar as quatro ou cinco idéas fundamentaes, que, firmadas nas sciencias positivas, transformaram a intuição critica de nosso tempo.

A época de Darwin, Moleschott e Büchner, de Lyell, Vogt e Virchow é naturalmente a de Comte, Mill e Spencer, de Buckle, Draper e Bagehot. Estes nomes

exprimem a grande transformação das sciencias da natureza, invadindo a esphera das sciencias do homem. Todos sabem que a religião, a linguagem e a historia, o direito, a politica e a litteratura são agora tractados por methodo bem diverso d'aquelle porque o eram, ha trinta annos. Esta nova maneira de sentir e de pensar de sabios e philosophos, n'um tempo como o nosso, não fica incognita e mysteriosa sem acção sobre a massa dos leitores.

A cabalististica do seculo XIX é nenhuma; toda descoberta é logo espalhada aos quatro ventos pela voz dos livros, das revistas e dos jornaes. A popularisação da sciencia é um phenomeno dos ultimos tempos, e a melhor conquista da expulsão do sobrenatural. Tudo é *relativo* no universo e no homem, nada existe que faça mêdo. Para que, pois, o mysterio?

A intuição do grande publico vae mudando, como alterada, ha muito, se acha a dos homens competentes.

Na evolução de todas as manifestações espirituaes a poesia não póde ficar estacionaria. Tem-no ficado em grande parte o impeto de reformas, pelo menos, não é nada comparavel ao arrojo romantico do principio deste seculo. Estudada nas cinco grandes patrias da civilisação, Allemanha, Inglaterra, Italia, França e Estados-Unidos, só revela restos do antigo *romantismo*, ou algumas *tentativas*, que se decoram de nomes diversos, de pouca esphera.

A reforma dos principios, ha muito que se acha feita nos livros de analyse; a poesia quasi que tem a antiga toada. E' certo que as ironias de Byron, e os pezares de Lamartine ha muito que se acham desacreditados. Existe, a par das duas manifestações poeticas indicadas, um lyrismo ex-

uberante, desse que em todos os tempos, ainda os mais deteriorados, sobrenada como a salva-guarda da poesia verdadeira.

Os que têm procurado dar nova direcção á arte não se acham de accôrdo. A bandeira de uns é a *Revolução*, a de outros o *positivismo* ; o *socialismo* e o *romantismo transformado* têm tambem os seus adeptos. São doutrinas que se exageram, ao lado da *metaphysica idealista* de alguns.

Nada d'isto é a verdade. O valor, a infinencia da *Revolução* são muito contestaveis ; sem grande alcance na ordem social, esse facto da politica franceza resume um punhado de noções agora improducentes ; a philosophia de Rousseau e a sciencia de d'Alembert são hoje um anachronismo. Comprehehde-se a magia que esse phenomeno historico, bastante anormal, pouco estudado, e revestido pelas côres da legenda, possa ainda ter sobre os espiritos. Os nobres, e não raro desajuizados, impulsos dos patriotas de 93 são ainda os votos politicos de muitos, mas noto que não passaram de anhelos. A revolução foi parca de *idéas* ; a historia franceza dos ultimos oitenta annos prova-o de sobejo ; sem muita innocencia, não pode continuar a ser a tinta em que a poesia vá molhar o seu pincel.

Depois, toda essa litteratura vertignosa e sem acção da romantica européa o que é sinão o embate da onda revolucionaria espumosa e vasia ? Os principios de 89 estão reduzidos a quintessencia ; marcam um gráu apenas da evoução moderna ; estão agora desfeitos como doutrina.

O *positivismo*, com ter um motivo profundo para a sua apparição e com valer mais agora do que os desvarios re-

volucionarios, está acabado como systema; deixou uma bôa direcção e nada mais. Intumescido de vistas estreitas e compressoras, devidas ao genio regulador de seu chefe, tem sido abandonado como incompleto e inconsequente pela parte mais avançada da sciencia contemporanea.

Seus meritos e vantagens não são pequenos; a morte da metaphysica e a expulsão do absoluto das relações humanas são d'essas grandes conquistas que perduram; são factos consummados e adqueridos. Contribuiu para o esclarecimento da intuição contemporanea, mas a não constitue por si só. A sua falsa idéa sobre a vida, a obstinação em considerar impossivel qualquer estudo psychologico, quando aliás, alçalva á altura de sciencia a sociologia, abriram-lhe brechas que o darwinismo, ao lado de outras idéas, vae corrigindo. Como requerer uma formula poetica que seja a crystallisação de um tal complexo de idéas?

O *socialismo* é o inimigo da economia classica; como o systema acima lembrado o é da Metaphysica; não tem, todavia, o sentido altamente philosophico d'aquelle. O movimento socialistico foi uma reacção necessaria, cujos meritos principaes foram devidos ás novas doutrinas sobre a religião, a philosophia, a historia... espalhadas por pensadores estranhos ás questões economicas. Em bem pouco contribuiu para a comprehensão total do espirito de hoje.

O que em Proudhon de melhor se lê são vistas geraes independentes das theses de *producção, valor e trabalho*,... em uma palavra mui distinctas da *échafaudage* economica. O que é geral não é seu. Como fazer d'aquillo uma poesia? A arte collectiva e socialista já não é uma novidade, e não é o ideal de hoje.

X

O *romantismo transformado* em vista das necessidades futuras indica um atrazo de sessenta annos. O romantismo, para a alta critica, foi um movimento desordenado de admiração pelo passado; desfeito, de prompto, em mensageiro do *futuro* é uma ingenuidade. O futuro!... todas as inquirições a seu cargo carecem de segurança e, certamente, nada mais incompetente para esclarecel-o e divulgal-o do que a poésia, e a poesia romantica! Os que discorrem a respeito da arte do futuro pagam-se de sonhos, sinão illudem-se com phrases. Admitte-se que se indage da religião do porvir, como o hão feito alguns espiritos de nota; estes buscam qual será ella, mas não procuram fazel-a; isto porque a religião, álguns despreoccupados, mostra symptomas de um desapparecimento mais ou menos proximo. A religião primitiva foi um tentamen de explicação do universo e do destino humano; é a idéa mais acreditada. Esse duplo alvo tem hoje uma explicação de ordem no todo diversa; a antiga não tem, pois, motivos de perdurar, nem o estimulo da moral é garantia de vida para ella, quando é-lhe bastante independente.

Não assim a poesia; oriunda de faculdades indestructiveis na especie humana, sujeita inteiramente á acção do meio em que se desenvolve, tem um caracter completamente contemporaneo da época em que apparece. E' impossivel para a arte do futuro ainda mais do que seria reproduzir a do passado; e quando um tal projecto fosse exequivel, á luz de que principios, munidos de que philosophia iriam os espiritos tental-o? Com as phrases do romantismo? Ora esta!

Os repetidores de Schlegel devem pôr-se um pouco mais a par do movimento scientifico do dia para não se exporem tão

facilmente... A litteratura que combato, não teve doutrinas suas; eu não sei qual fosse a philosophia de um Shelley ou a de um Musset. Tão grandes como são, póde ser que muito possuissem, mas não a deveram certamente ás extravagancias do seu systema.

« *Transformado em vista do futuro...* » Porque e por quem? Enygma estupendo! Eis uma formula vasia, sem alcance e sem criterio; nada exprime além do desconhecimento da morte profunda, irremediavel que dilacera as entranhas da decrepita doutrina.

O romantismo é um cadaver e pouco respeitado; não ha futuro que o salve, nem que pretenda ser o Prothêu de alguma mythologia de especie nova!

Existe um outro modo de poetar na litteratura dos ultimos tempos sem consistencia e principios, uma especie de *idéalismo methaphysico,* incongruente e vasio, como os sonhos de um hysterico. E' de nenhuma influencia sobre a marcha total dos acontecimentos espirituaes, e não tem grandes nomes que o personalisem.

Um facto é para notar: no meio da inconsistencia de tantas reformas pretendidas, existiu sempre a belleza das concepções suaves e delicadas da lyrica, tão acremente estygmatisada por escriptores preoccupados de falsas noções. Admira que um dos espiritos mais eminentes da moderna sciencia européa, Ed. Scherer, se mostrasse tambem animado contra o lyrismo, confundindo-o com a melancolia romantica. A distancia entre ambos é infinita; o que haverá, eu o pergunto, de mais lyrico e menos choroso do que *Sara la Baigneuse* de V. Hugo, ou *the Possession* de Lord Lytton?

São fulgores da lyrica sempre exhuberante desde os velhos tempos da Grecia e da Judéa. Com todo o seu prestigio, porém, não póde encher por si só todo o ambiente litterario. Havemos mister, na época de hoje, para a arte, de uma intuição mais vasta e mais segura. Já vimos que nenhum dos fundamentos commummente apontados por fanaticos partidarios póde satisfazer áquelle empenho; são imposições systematicas que, á hora que apparecem, presumem conter o ultimo raio da verdade. A sciencia, a litteratura, até no grande e completo sentido, têm tambem suas miragens. Evitemol-as.

A nova intuição litteraria nada contará de dogmatico; será um resultado do espirito geral da *critica* contemporanea. Acima dos combatentes, sem duvida necessarios, que, obcecados por uma vista qualquer das novas idéas, falseam a noção do grande todo, estão os espiritos sem dogma particular, que se empenham em traçar as grandes linhas do edificio moderno; acima de todas as doutrinas está a *intuição* generica da *critica*.

A poesia não póde se fazer systematica; conseguirá sómente embeber-se do grandes principios da philosophia geral.

E' possivel que se duvide de sua efficacia; os estudos mythologicos e religiosos lançaram-lhe um prejuizo: que nos tempos de diminuta fé ella não póde sobreviver.

Ahi anda a confusão da fé religiosa com a fé poetica, que, muitas vezes não passa da antithese d'aquella. Não é verdade que seja necessario um longo embevecimento nas sonhadas delicias do céu para que vibrem as cordas do plectro terrestre. Não raras vezes, estremecem maviosas

justamente quando o coração magoado não acha outras ternuras, que o adormeçam, sinão os martyrios da realidade, ou as affirmativas de uma sciencia toda humana. Os criticos abundam em desperdicios de enganos sempre que hão justaposto a poesia ás evoluções distinctas da religião; e—quando, porventura, a sciencia, bem ou mal fundada, nega a esta ultima uma séde immutavel n'alma humana, ouve-se, como regra, a sentença condemnatoria das artes E' uma aberração passageira do espirito de nosso tempo. Apezar desse desatino, não deixa de ser muito certo que a poesia ganhou, nesta prova por que a fizeram passar, ao contacto fecundo dos grandes estudos da época ; reconheceram afinal seu ponto de apoio todo independente e sua tendencia e alvo autonomos e livres

A razão de um livro como o *De Natura Rerum* não é a mesma de um outro como a *Imitação de Christo*; um cantico de Pindaro não tem o mesmo significado de um Mysterio de Eleusis. O espirito humano não póde soffrer amputações; n'alma de hoje estão todas as notas fundamentaes do teclado primitivo, e mais algumas.

O que disse um novissimo escriptor italiano, historiador philosopho, da sciencia e da religião, a proposito de Comte podemol-o repetir; «non veniamo a ristorare sotto altra forma il *sin là* e non oltre,non a risuscitare i misteri Quando la Scienza abdica, la Religione interviene e la sopraffá.» E' o que se dá com a poesia: quando ella abdica, a Religião intervem e a refaz.

A arte não é agora uma caduquice quando a musica rejuveneceu, e a poesia attende a todas as perplexidades con-

temporaneas e sente-se possivel e fecunda: a arte funda-se hoje na intuição novissima que a sciencia desapaixonada e imparcial vae divulgando. Deve ser uma consequencia e uma synthese de todos os principios que até aqui hão agitado o seculo.

III

Nesta altura, sua primeira obrigação, entre nós, ha de ser o completo abandono de meia duzia de celebres questões, que hão sido o eterno martellar dos autores brazileiros. Por este modo, esquecer-se-ha de *indios* e de *luzos* para lembrar-se da humanidade; não indagará si é nacional para melhor mostrar-se humana, cumprindo-lhe o maior desprezo de quantas musas imperceptiveis, ha cincoenta annos, trazem de ferro em punho a turba laureada de nossos heróes das lettras!

Eu o declaro, porém: qualquer que possa ser a fraqueza e a superficialidade do pensamento brazileiro na hora actual, em materia litteraria, é certo que elle se mostra mais despreoccupado do que ha bem pouco tempo. Não é que tenha conseguido novos e poderosos elementos de vida que só sabe dar a vasta elaboração scientifica; mas um certo gráu de deconfiança ha germinado, apezar talvez dos patrios coryphêus, n'alma dos moços, e estes querem

deixar de jurar na santa palavra dos mestres que os precederam.

E' um progresso, sem duvida, si attendermos á falta de idéas firmes e determinadas que houvera sido em grande escala o apanagio dos nossos doutrinadores. Fazer a classificação, sem bases, da escola *mineira* trçar insulsas biographias dos poetas do seculo passado, citar fóra do momento uns versos de Caldas ou Dircêu, tudo aquillo que os criticos romanticos entendiam offertar-nos, tudo isso deve sahir da circulação como inutil e sediço. Enumerar as excellencias do *genero epico* e as propriedades dos gentios para elle, namorar a solidão das *selvas seculares* e a frescura da *primavera eterna* do patrio céu, sonhar o *caboclo* ou o *camponio*, pezado de encantos e maravilhas, tudo com que os folhetinistas tinham por bem brindar-nos, tudo isso deve cahir por muito esteril ou banal. Estas cousas, si houvessem de pertencer á historia, para lá já deveriam ir marchando; estão no dominio das idéas moribundas.

Procuram-se hoje as leis de uma systematisação exacta de nossa vida pensante. Sabe-se agora que não somos um povo de alta cultura, não porque nos faltassem phrases, que nos sobram; mas por faltar-nos a *sciencia*; não por falharem os trovadores, mas porque não se encontram os *artistas*. Creio que para alguns já é menor a cegueira; — não significa que hajam desapparecido os desorientados do proprio seio dos ultimos espiritos.

Ao contrario: o paiz tem mais a temer de alguns d'elles do que dos velhos pouco adiantados; são os follicularios desajuizados, obésos de ignorancia, que, totalmente avêssos

aos processos da critica, não comprehendem os homens e muito menos as idéas. Não é raro vel-os proclamarem os antigos chefes, attribuindo-lhes até vistas que nunca lhes pertenceram, á medida que as novas doutrinas se vão espalhando.

Ha no seio d'elles uma fonte exhuberante de apreciações desponderadas; é o completo desconhecimento da historia do paiz. Ouviram dizer que os patrios escriptores são uns grandes esfaimados que se nutrem continuamente dos productos do espirito européu, e decidiram, desde logo, ignorar quantas influencias tenham-se encaminhado para desenhar-lhes o perfil,

Ora, um grande systema de imitações tem tambem a sua lei de progredir.

Ha sempre um motivo, que importa achar, que atira-nos ora para aqui, ora para acolá. Só o conhecimento de nossa vida espiritual, por mais fundos que sejam os seus deliquios, póde habilitrar-nos a encontral-o A falta notada é que os faz andar de continuo a discutir velhas impossibilidades e a lançar gratuitas affirmações. E' assim que não surge um novo livrinho de contos ou versos que se não brade logo: este sim, achou a nota predominante da *verdadeira* litteratura!

Aquelle que se encarregasse de apanhar no jornalismo dos ultimos trinta annos todas as decisões em que o sêllo d'aquelle *verdadeiro* caracter foi lançado, formaria a profusa collecção das theses e antitheses do pensamento nacional. Alli affirmam-se todos os contrarios.

Mas, si não existem ainda entre nós avantajadas conquistas sobre o bello e a verdade, não é menos exacto que mais algumas desconfianças na grandeza de um passado, ainda mui proximo, é para notar. E', sem duvida, ainda muito pouco.

Como que a mocidade do dia é capaz de desmentir o celebre principio de Leibnitz—le présent est gros de l'avenir.—

Não! As novas idéas hão de germinar e propagar-se, arrastando em seu cortejo todos os que podem sentir as necessidades implacaveis do seculo, que se vai retirando, n'aquillo que elle tem de realmente sério e duradouro.

Ha nos dominios da sociedade brasileira algum germen de convicções maduras e firmes que ha de florecer á luz de um novo sol.

Quaes as obras melhores da intelligencia nacional nos ultimos cincoenta annos? Dous ou tres codigos, e dous ou tres livros de versos... Eis as manifestações primas da nossa vida no mundo social e na orbita litteraria!

Não sei si é muito ou si é pouco.—O que todos podem experimentar, si quizerem verifical-o, é que o pensamento de hoje, chocado por outras necessidades, enlarguecido por outras concepções, difficilmente se póde aguentar n'aquellas velhas cadeias. Avança, deixando atraz a passada intuição, condemnando á impotencia os antigos programmas litterarios.

Sobretudo achar-se-ha livre de um pesadelo terrivel: o celebre debate da nacionalidade litteraria, feroz Adamastor de especie nova, que ha feito as tormentas dos Gamas do romantismo.

A rethorica deve convencer-se afinal de sua inefficacia para soluções que não são de sua alçada. A magnitude das questões que se debattem no velho mundo, por um reflexo necessario, ha de lançar o esquecimento sobre o thema predilecto do *cabodo* e seus competidores no problema magno de como será o rosto da musa da patria!

Uma idèa vem de la: não ha litteratura typica, e, muito menos, uma escola, um genero typico. A alma de um povo é bastante extensa; o espirito de um seculo assaz comprehensivo para dar ninho a oitenta systemas e força a cem estylos. Sem este dado experimental, alçado á altura de um principio, a incomprehensão da historia sempre apparece com seu corollario:—o falseamento da critica e da arte.

Comprehende-se, d'este modo, a caprichosa inanidade dos defensores d'este ou d'aquelle *regimen*, passe o termo, como o molde primordial de nossas liberdades de phantazia.

Motivo gerador das formulas absolutistas, dos *cathecismos* litterarios, a vista contraria á que defendo desencaminhou-nos largamente.

O romanticismo encorajou-a em demasia com sua filha predilecta —a poetica selvagem, que move-se agora sem o halito vital. O systema sente o seu desmantelo pode-se—lhe applicar a bella expressão da *authoress* franceza «il parle, il marche, il agit par habitude, par souvenir mais le principe de la vie est depuis longtemps éteint dans sa poitrine.»

Aqui na America hoje a poesia deve assistir, tomando parte, aos nobres labores que a velha Europa sustenta

com a sua sciencia e nós presentimos em nossos canticos. Não será tão exterior, como a antiga poesia classica, e sua forma tão plastica; nem tão intimamente particular, como as centenas de extravagantes confidencias que a romantica franceza espalhou pelo mundo, e sua forma tão desalinhada.

III

E' tempo de dizer alguma cousa d'este livro. O alvo que ficou indicado, elle não tem a minima pretenção de havêl-o attingido e sim a penas apontado.

E' uma sortida no campo de uma poesia mais san, sem a vaidade de deixar de ser muito vacillante e imperfeita. O trabalho foi concebido no meio dos maiores desvarios romanticos porque uma vez passou a lingua portugueza em Pernanbuco (1869—73); mas o auctor procurou reagir, não com o para sempre sepultado classícismo, ou com o pretendido realismo, sim por um meio mais em harmonia com as luzes do seu tempo.

A humanidade e a natureza, os dous grandes corações das artes, deram-lhe a materia e uma philosophia mais adiantada forneceu-lhe a arma.

A lei da relatividade em todos os factos naturaes e humanos é a base da obra, é o motivo da distribuição á primeira vista caprichosa, de suas péças.

Aquellas opposições o auctor não as crêou; encontrou-as já existentes. Nem ha antithese alguma, falso jogo de palavras adréde procurado; havel-a-hia si nos proprios termos de cada composição se procurasse mostral-a.

Pelo modo porque a execução se fez, cada peça, tomada

em si e por si, é um todo completo e acabado, que não parece ter um contrario no livro. Todos os assumptos, grandes ou pequenos, foram tractados com nobreza, que tambem tem o seu direito de cidade na poesia. O que o auctor fez foi o que a realidade lhe mostrou; lembrava-se sempre da vista altamente moral e philosophica do melancholico estoico, que bem o era, que disse uma vez: « ... in the moral world, as in the physical world, nothing is anomalous: nothing is unnatural; nothing is strange. All is order, symmetry, and law. There are opposites, but there are no contradictions. »

O livro não é um poema, no ordinario sentido, porque não tem um enrêdo, e cada poesia póde ser tomada áparte; não é tambem uma collecção de cantos soltos sem nexo algum, pois todos os seus têm um laço que os prende entre si. — São hymnos, como o auctor os poude fazer, lançados ao seio da Humanidade e da grande mãe — a Natureza.

Nada tem que supponha um emprestimo theologico ou metaphysico.

Uma dezena de expressões, totalmente vazias, tomadas ás crenças alchimicas medievaes, como *ondina, fada, gnomo, sylpho*.... ou a angeologia christan, como *anjo, archanjo, cherubim, seraphim*... foram banidas, como falhas de belleza e de sentido, para a arte.

Outro tanto se deu com o *fasciculus of contradictions*, como o chamava Mill, o *infinito*, que uma só vez se encontrará no corpo da obra, quando se quiz expressar a quéda de semelhante noção.

E' na poesia o *Pensamento*, nos versos:

E toda a aspiração é um paroxismo
Do *infinito*, que muda-se ou desceu...

O livro será mediocre; mas nada tem do maravilhoso romantico. Até em grandes obras de insignes auctores da decahida escóla se nota esta macula, que deve sêr evitada.

Entre outros, offerece um exemplo notavel o grande plano de V. Hugo, no prefacio da *Légende des Siècles*, do qual esta seria a primeira parte.—Por certo, o notavel poeta sonhara um projecto grandioso; pois o é esse em que pretendia expor—*o problema do Sêr em suas tres manifestações—a Humanidade, o Mal, o Infinito*.

A ideia capital d'esse plano pecca pela base: O *Mal* não é uma individualidade á parte; tão pouco, nas relações humanas, o *Infinito* corresponde á realidade alguma, alem de um conceito mathematico. O poeta revela-se influenciado pela metaphysica estreita do espiritualismo francez. Fôra mais vantajoso empregar o seu inestimavel genio n'um grande livro em que o *Homem* e a *Natureza*, a Humanidade e o Universo, essas duas manifestações da realidade, entrassem em scêna, e tivessem a solução que a poesia lhes pode dar. O relativo deveria ser a lei d'esse livro.

Para algum juizo, pouco esclarecido, a these capital, que tenho desenvolvido, poderá ser tomada pelo *didacticismo* poetico. Será uma bem grave dissonancia. Eu tenho horror á poesia didactica; quem leu Schakespeare, quem leu Schiller, sabe só detestal-a. Parte de um equivoco: que perdure hoje ainda o desêjo de um passado pouco conhecido —a metrificação das noções scientificas e reli-

osas para, d'esta arte, tornarem-se mais perduraveis na memoria! É a morte da imaginação já se o disse; é um erro de psychologia, cumpre acrescentar.

A poesia indomita, a unica que póde viver, é riso, é delirio... Eschylo e Dante são dous visionarios. Ao menos, não deve ella despir sua roupagem de encantos, deixar aquelle ar de gracêjos, que parecem sahir dos labios de uma deusa.

A sciencia é toda grave; seu methodo deve ser o jôgo de principios incontestaveis; a *prosa* é sua natural expressão, prosa severa como as correcções que sabem ter as ideias claramente definidas n'uma cabeça de sabio. Nada pode emprestar á arte, alem da grande intuição do mundo e da humanidade. E é quanto a ella basta para alçar o vôo, despreoccupada e fecunda.

O poeta deve ter as grandes ideias gue a sciencia de hoje certifica em suas eminencias; não para ensinar geographia ou linguistica, prehistoria ou mathematica; mas para elevar o bello com os lampêjos da verdade, para ter a certesa dos problemas, alem das miragens da illusão.

N'este livro ha muita debilidade, mas não essa de que fallou o auctor; o didacticismo ficou-lhe muito ao longe. Da premeira pagina a ultima o leitor terá occasião de marcar muitas extravagancias, talvez; porem nunca uma regra a Boileau.

NOVEMBRO DE 1878

S. R.

Á AMERICA

Work—work—work !

(THOMAZ HOOD)

E' ella a terra dos hymnos
Fluctuantes, das canções
Soltas n'aura aos sons divinos,
Dos céus nas ondulações!...
Em sonhos a humanidade,
Sedenta de liberdade,
Ausente um dia a sentiu,
E, abrindo as vélas ao vento,
O seu nobre pensamento
Mais brilhante refulgiu.—

Como assustada, desperta.
A virgem barbara ficou;
Curvos os arcos, á lerta
A grel cabocla estacou.—
Novos convivas se mostram;
Por ella as settas arrostram,
Aos beijos ella cedeu...
Como um amante trahido—,
O selvagem compungido
Nas solidões se perdeu!

Depois, altiva matrona,
Revê-se nos heróes seus;
Escuta como resona
O vulto immenso dos céus.
Tem a fé da natureza,
Adora a sancta belleza,
Não chóra e sabe esperar;
Do seu peito no sacrario
Abriga-se o sanctuario
De quantos podem amar.

Contra o gladio dos monarchas
Mandou jorrar seus vulcões ; —
Esses velhos patriarchas,
Cançados das solidões,
Tomam as iras das mattas,
Dos rochedos, das cascatas,
Protestam com sua luz ;
E a alma logo se levanta
E ás idéas mais encanta
Rubro espiral que reluz !

Quando as frontes escurecem
Ás sombras da cerração,
Quando os peitos esmorecem
Lá na ousada legião,
Larga o condor ás estrellas,
Os fortes correm a vêl-as
No manto do céo azul ;
Toma a nota da alegria
Dos labios da ventania
No seu pampeiro do sul !

Sobre os Andes levantada,
Gosta sempre de subir ;
Vêr-se de nevoas coroada,
E Deus mais perto sentir ;
Mais junto da immensidade,
Atira na soledade
O brado de Bolivar,
Longe o futuro estremece ;
Como tocado, parece —
Por sobre as glorias boiar...—

Um dia lhe cresceu a alma,
Washington d'ella sahiu,
Mostrando na fronte calma
Sancta a mão que na esculpiu.
Fôra então que o grande vulto,
Transformando no tumulto
Os pygmêus em heróes,
Talhára a sua bandeira,
Que nas dobras sobranceira,
Como um céu, prendêra os sóes.



Accende a tocha dos bravos,
O captivo vae-se erguer !—
Todos os peitos escravos
Têm seu sancto alvorecer !
De John Brown a cabeça,
Como um astro que a esclareça,
Na sua vida luziu...
Fôra a sortida brilhante
De um genio que para avante
O Novo-Mundo — impelliu !...—



PARTE PRIMEIRA

A HUMANIDADE

Drum seinicht stolz, o Mensehenkind,
Du bist dem Tod wie Spreu und Wind,
Und magst du Kronen tragen.
Der Sand verrinnt, die Stande schlägt,
Und eh'ein Hauch dies Blatt be wegt,
Kam auch die deine schlagen.

(Emanuel Geibel.)

I



DEUS

E' certo :—os seculos se apostaram todos
A correr, a luctar em prol das luzes,
Das grandezas em flôr. De um tempo a outro,
Bem parece que os astros têm ouvido
Esse brado de avanço o—*Quid times* ?
A' porfia do bom, do grande em busca,
Todas as forças, as paixões sevéras
Se dirigem aladas. Cresce a vida ;
Os desejos são glorias que nos buscam,
Os triumphos são ondas que nos levam.

Irradiadas as frontes como estrellas,
As idêas se alargam. Conquistadas
As verdades sublimes se desvendam;
Precipitam-se as sombras das alturas,
Indo só prolongar o seu dominio
Onde os raios do espirito não vôam.
Mas no corpo dos seculos a pegada
De um destino cruel sempre se avista;
Nobre propheta la passára outr'ora,
Quem foi? Que sabe a hnmanidade?— Nada;
Que Deus é mimo no sonhar das flôres.

Palpita o coração; vale um sacrario!
E' grande n'esse calice das dôres,
Dos triumpho, das bellas alegrias—
Sentir notado, em cada abalo, o santo
Pensamento fugace das espheras
Que se ajusta por nossas tempestades.
Lá n'um peito de moça enternecida,
Que se assusta do mar, mas ama as garças,
Bem podéra se achar as maravilhas
Que deslumbram do céu a face amada.
Na virgindade casta das donzellas,

No despontar suave d'essa aurora,
Todos os raios louros são meiguices,
Os canticos ternuras. Rompem n'alma
As idéas tão candidas, mimosas,
Como ao fundo do azul celeste tomba
A estrella d'alva! Mas se os astros meigos
Não poderam sorrir-lhe á face amiga,
Porque é que nos dizem sempre em côro
Os corações purissimos das sanctas:

—Ser Deus—encanto no correr das nuvens?

A natureza agita-se profunda;
Cada tufão terrivel que rebenta—
Vale um grito de busca pela sorte.
Caminhando serena nada ouvíra;
Arrebatada na aza dos anhelos,
Arroja o temporal... O azul celeste,
Escondido por traz de um manto negro,
Deixa só ver a mascara de trevas
Do abandono cruél;—elle que tinha
As nuvens multicores como garbo
Para, vindo o crepusculo das tardes,

Esperar pela lua, essa vaidosa,
Que, envolta lá no froco das espumas
Do mar ethereo, deslumbrante e fulgida
Se mostra de agastada ao céu fugindo!
A natureza agita-se fecunda,
Ella que pode deste sol brilhante
Mandar os raios tremulos e quentes
Abater os problemas. Mas escuta
Nos espaços rolando a voz dos mundos—

—Que Deus é riso no scismar da estrella.

Passa a aragem cheirosa das campinas
Plangente, estremecida... e quem diria
Que esse mimo das tardes primorosas
Tambem busca um segredo? Pensativa
Quem já não viu ficar a flôr tremente
Pelo beijo que a furto lhe tiraram?
Terna a bocca das rosas lá nas veigas
Tambem sabe indagar de algum mysterio;
Mas orvalhos são lagrimas, não risos...
E' que as manhans enganadoras, perfidas,
Trahem talvez o perola dos valles!
Assim da estrella o pranto se derrama

Sobre a flôr que soluça e nada aprende,
Como dos mares desabrocha a vida,
Abrindo as magnolias das espumas,
Procurando escutar a nuvem muda!
Tudo se mostra pallido das nevoas
Que a corrida da sorte nos arroja.
E' que o engano fatal não foi sentido,
E' que o céu tambem chora e nada avista;

Que Deus é sonho no chorar das ondas.

Tal na vida se mostra a forte lucta,
Velha paixão que os seculos deixaram
No pensamento implume que tentava
Precipitar o vôo. Emfim, quebrada
A cadeia que as azas nos prendia,
Quem ha que não lhe ouvisse o som perdido
De astro em astro tombando? E' como o grito
Da consciencia inteira do universo,
Que, desperto de somno pezadissimo,
De envolta o brado arroja com a victoria.
Foi este o passo; não ha mais tental-o;
Foi esta a sombra; não ha mais ergue-la!

E por cima das crenças que se foram,
E dos sceptros que mostram-se fulgentes,
Brilhando o facho lucido dos orbes,
Suba a grandeza heroica dos valentes,
Que têm por arma o pensamento, e as noites
Por consocias na gloria, bellas complices
De tudo que lampeja no horisonte
Da historia! Sim—da historia que proclama—

Ser Deus idéa no avançar dos homens!

II



O DIABO

I

Negror que se desprende do céu puro,
Tremenda escuridão espavorida
Que tolda e turva a limpidez da vida,
Sabbat dançado no setim do mar,
Nuvem que se despenha das montanhas,
Mostrando no regaço a sérpe escura,
De bocca afoguêada, e que da altura
Rolos de poeira vai lançar no altar ;

Corvo sangrento que abre as negras azas
E cobre a creação atormentada
De funerea descor assombreada,
Dragão que só cavalga o espaço a arder,
E de cada patada inflamma um raio,
Grande vulcão aberto na alma humana
De cujas cinzas o penar dimana,
De cujas lavas rebentou o soffrer;

Phantasma fero que se erguera ousado
De sobre um sonho com a cabeça accêza,
Tendo dos hombros, como capa, presa
A noite toda escura a fluctuar,
Rei desse mundo que te deram, forte,
Valente espectro, que grandeza a tua!
Beijaste a Eva pudibunda e nua,
E sorriste de Adão triste a chorar!

E fizeram de ti o algoz do Eterno;
E viste o seu trabalho, e gargalhaste
Do cèu até o inferno onde tombaste.—
E no throno estrellado está o Senhor...

Mas tu... tu sempre rindo sobre o Golgotha! ···
Até junto da cruz querem que estejas,
Scismando nesse abysmo onde despejas
As almas fracas que te têm horror.

Como em vasto museu assim reunes
O teu mundo de feia humanidade!
Ah! faze-o se mover na immensidade,
A cada um seu mister. Sobre a manhan
Vai dourar tua fronte envelhecida;
De lá repara a multidão das almas
Timidas, mudas... e, batendo palmas,
Prêto—profundo, põe-se a rir, Satan!

II

Formosa idéa que manchára as vestes,
Passando meiga no paúl da vida,
Mimos desfeitos, estilhaços d'almas,
Queixas amargas ou paixão dorida,
Tens uma sombra que te segue escura,
Tens um doende que levanta o pó;
Abre os encantos dos celestes peitos,
E sopra o inferno na oração de Job.

Protheu lançado no rolar da sorte,
Protheu mudando com o soprar do vento,
Te julga eterno,— teu irmão é Jupiter !
Sim, chama-te Plutão; teu pensamento,
Rompendo espheras a voar brilhante,
Beija essa deusa que sahiu do mar;
Venus mimosa te revela o seio,
És um capricho que ella quer amar !

Pensar accêzo nas celestes chammas,
Genio perdido a divagar no espaço,
Póde o teu peito deslocar os mundos
Do immenso abysmo desprendendo o laço.
Vulto, que occultas o volver das vagas
De um mar de sombras no veloz correr,
Faze das ondas, que a teus pés echoam,
Surgir as glorias pelo teu poder.

Mas, não! Tua alma deve ser terrivel,
Grande... sublime como um mundo ethereo,
Teu corpo vasto como a onda turva
Que estende o leito no paiz sidereo.

Mas, não ! Attenta para ti... escuta
O que sae d'alma,— o que teu corpo dá...
Bello constraste ! Caprichoso, inutil,
Nada em ti sentes, porque nada... ha !



III

JESUS

Passava a aguia, que aos futuros vôa,
Levando na aza a vastidão das queixas
Do homem captivo,—que já muitos seculos
Curvados e decrepitos dormiam
Nas jazidas da morte. Disse a aguia,
Ao vêr de longe um vulto de propheta,
Que tinha a côr do sol na fronte loura:

Genio que fazes, meditando á margem
Do lago ameno, solitario e triste?

— Vejo Michéas que me aponta os astros ;
Quero colhê-los para dar aos pobres. —

Passava o vento que o oceano austero
Manda ás mattas, que choram pensativas,
Para enchêl-as de dôr. Dissera o vento,
Vendo um joven, fitando os horisontes,
Que tinha estupefacto o céu nos olhos:

Genio, que scismas na colina verde,
A sós com a noite, que te diz a sombra?

— Eu vejo Satanaz ;—me mostra o mundo,
Quero vencê-lo para da-lo á morte.

E foi assim... Gennesareth o sabe.

Quando, ao sol posto, via o céu dourado,
Sua alma, intumescida de esplendôres,
Lançava do futuro a gloria, os raios
Sobre as frontes curvadas.
Grande, ameno,
Seu coração dos lyrios perfumosos
Tirava o amor p'ra da-lo a Magdalena.
Quando as vagas revoltas se entreabriam,
Abysmo escuro, tragador, sò elle
Sabia as amainar! Assim mais crença,
Mais santa abnegação enchia os peitos!

Era justo, sublime,—era ineffavel ;
Mostrava a candidez da estrella d'alva,
Pensamento profundo como os mares
Eternos, impassiveis, que meditam !

Seu nome ?—Elle era um Deus ! exclama Pathmos,
Abrindo do Vidente o Apocalypse.
— Elle era a humanidade sublimada ! —
Diz dos seculos a voz embevecida ;
De lucto brada o Golgotha :—Eu confirmo.—

IV

MAHOMET

I

Levanta-se o deserto encanecido,
Seu manto esbranquiçado è um lamento ;
Este rei tem tambem o seu tormento,
E a sua magestade attira ao ar...
Philosopho que medita e que se queixa,
Pensador, que se enfada e que estremece,
E'-lhe a idéa um gigante que padece
Na sua immensidade a fluctuar...

Razão que, lá refulges, e te apagas
Na longa escuridão desse queixoso,
Nessa noite sem brilhos e sem gozo,
Sem sonhos e sem risos... oh! negror!
Levanta de teu seio o véu purissimo,
Arrojando um clarão nesse problema,
Que agite-se, que enrosque-se, que trema,
Das trevas arrancando algum fulgor.

Mas tudo tem o serio das areias,
E tudo está sinistro, está calado;
O cèu mudo, tristissimo, fechado,
Fitando aquelle espectro estremeceu.
Sim; era Mahomet ardente, austéro,
Envolto no deserto que se erguia;
A nuvem mais valente lá corria;
Tocando no phantasma o collo seu.

E quem é? E' a colera que è gigante;
Quem é? O pensamento que é tormenta,
A Mecca se contrahe e se afugenta,
E' o homem—solidão que além se viu.

Oh... gloria ! E' o foragido que é propheta ;
Oh... gloria ! E' o pastor que é divindade ;
A Arabia avança toda á claridade,
E' o homem—legião—que além fulgiu.

A Caaba era um templo, elle a fez livro,
Tocando com o bastão pelas paredes.
« Isto é muro sagrado—vós o vêdes. »
Elle exclama. E um clarão no ar passou.
« Mas a pedra embranquece, o tecto muda,
« Eis que o vento folhêa um livro immenso. »
Elle exclama de novo. E entre o incenso
Gabriel sobre as nuvens se avistou.

II

Fôra um poeta que se fez vidente,
Fôra um apostolo que se fez guerreiro ;
O ouvido extenso das areias mudas
A escuta manso se achegar primeiro.

Consulta o nada dessas mortas longas,
Falla de um mundo que se vê d'ahi,
E o vento forte das areias tristes
Brada por ellas :—eu jámais o vi !

Percorre a morte do deserto esteril,
Manda sua alma mergulhar calada
Na gruta immensa desse sabio occulto,
Sua alma entra e lhe responde :—nada !

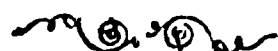
Queima-lhe o peito o grande sol que esconde,
Maior seu vulto que o deserto faz,
Prende-o na cinta e o conduz vencido,
Toma-lhe o genio e lhe promette paz.

Bate na porta das celestes salas,
Espreita a côrte do Senhor passando,
A idéa aguda lhe remorde as fibras,
Penetra e escuta a multidão fallando...

Nada percebe! Sobre as costas longas
Estende o manto desse céu tambem,
Sobre as feridas de seu peito fundo
Lança dos orbes o ferver que têm.

Grande bandido dos incendios d'alma,
Rico tribuno que o futuro préga,
A natureza, decorada e bella,
Chamada a contas lhe parece céga.

Dentro do globo da cabeça enorme
O sonho quente se condensa em luz;
Um genio salta admirado, fulgido...
Mahomet caminha, e Gabriel conduz!



V

ROMA

A sacra Roma estremece,
Cae-lhe da fronte curvada
A rota capa apegada
Pelos pontifices seus.
Testemunha a face pallida
Ancias de funda agonia,
Mas busca fitar o dia
Por sobre o altar de seu Deus.

Contam que os raios eternos,
Que os corações nos opprimem,
Negros festões que se imprimem
No futuro, estão ali !

Chora, donzella inditosa !...
Não, canta bacchante linda :
Tens no peito fogo ainda
E a vida espera por ti !

Si tiras do sentimento
A baga que traz no fundo,
E varas través o mundo
Com esse mimo a chorar,
Vais acordar as verdades,
Envoltas em morbideza
No carcere da natureza,
Velho piaga a scismar.

Si abalas com o sôpro calido
A tua Biblia de ideias,
Si este thesouro incendeias
Com o fogo dos seios teus,
Derrocam-se velhas crenças,
E voam no ar, perdidos,
Da triste arage' aos gemidos,
Alma, mysterios e Deus.

....

Revive da alma na lapida
Das emoções a scentelha,
Que em tua fronte se espalha
Das orações o pallôr.
Ha um astro que te brilha
Na cabeça fulgorosa...
Embebe, qual uma rosa,
Todo o perfume do amor.

Nas faces mortas, pezadas,
Imprime com a labareda
Do genio—que te segreda—
Os raios da agitação.
São agonias sublimes,
Arrancos de gloria rudes...
Assim ! acho bom que mudes
A força á revelação.

Que ! E tu mostras ao mundo
A graça, o brilho, a harmonia,
Pegados á idolatria
Do genio, da luz... que mais?
Ideias, a vida, o homem,
Grandezas e divindades

Querem colher as bondades
Que orvalham por onde vais ?

Pois abre essa alma de encantos,
Larga nos velhos ruidos
Novos ais, novos gemidos,
Mais calor, mais ambições.
Os sonhos de luz lançados,
No ninho quente das almas—
São esperanças, que empalmas
Para adornar corações.

....

Transfigura-te, heroina,
Que tombaste do alto solio
Do teu grande Capitolio
Com a lança dos teus heróes.
Lá das negruras do asceta,
Dessa noute que te esconde,
Surge offuscante por onde
Hão de raiar novos sóes.

Lá sobre as tumbas, somnambulos
Que dormindo se engrandecem,

Si as tuas passadas descem,
Anceias, que ouves então,
Como de um Deus o anathema,
Do féro Gracco as censuras,
E avistas sobre as agrnras
O gladio de Scipião.

Ah! toma-o o sublime, e austera
Crava-o no limpo do seio,
Recorda o grande torneio,
Que outr'ora déste ás nações!
Pois te iam c'roar de noiva,
Sacerdotisa, e de luto
Te deixaram... collo nuto,
Viuva dos teus brasões!...

Não! Desce ás praças desertas,
Quando o sol beija as colinas
Em despedida, e as neblinas
Lhes tombam da noite além;
Mostra as espaduas despidas
De perfumosa bacchante,
Lê as estrophes do Dante,
Que a liberdade já vem.

VI

MAZZINI

Eis que o genio da Italia revigora,
Lhe estende a antiga Roma a austera mão;
Um gigante de pé falla da gloria,
Garibaldi olha a patria e vê Catão

A preterita Iliada dos livres
O vento a desfolhára...alèm... não sei;
Muito seculo, correndo o Capitolio,
Descrido procurára a antiga lei.

A lei—que Bruto erguêra aureolado,—
Sublime embriaguez que deu heròes,—
—Liberdade—essa que alma nutre,
Feita de luz, de aurora e de arrebòes;

Clarões do pensamento que illuminam
Antros do coração em mais fulgôr ;
Liberdade—, delirio que derrama
Nos peitos novos raios, novo amor.

A passada grandeza esvoaçára,
E ninho seu fizera n'um altar,
Onde uma alma se mostra radiante
Por entre a tempestade a fluctuar.

Alma feita de lavas de heroismo,
Tempestade brilhante de illusões,
Tudo que o céu prepara de tormentos
Fecundos para encher os corações...

Era Mazzini. Somnambula divina,
Sagrada e fulgurante perpassava,
Tendo na fronte a profusão da gloria,
No peito das grandezas o ruido,
A' luz d'aquelle céu, que revestia,
— A alma da Italia só e fugitiva
Em meio de ruinas... Esquecida,
Meditava ! Sevéra, como magoa

De dez seculòs, terrivel como sonho,
Ou como pasadelo, que é phantasma,
O seio lhe mordia a sorte negra.
O queixoso suspiro das montanhas,
A velhice caduca das cidades,
Não mais estremecia a ouvir-lhe o pranto.
E as lagrimas fulgentes, fio a fio,
Como estrellas tombadas, accenderam
Na sombra dos heróes a morta aurora.
Illuminam-se os grandes epitaphios,
Agitadas as lapidas amostram
Que o coração da patria, intumescido,
Em cem peitos, valente, bate ainda.
Scipião tira o gladio ensanguentado,
Apontando Carthago assombrêada
Pelo vulto de Annibal, que cem passos
Estende-se na terra. Caio Gracco
Agita estupefacto a cabelleira,
Mostra o povo faminto e revoltado.
Colera da velha Roma, o grande Mario,
Rasgando a purpura de seu manto, triste
Lança os pedaços sobre o vento da Africa,
Que falla de Jugurtha. Assim se avistam :

Cada qual de sua alma sopra aos ares
A scentelha que inflamma o enthusiasmo!
Sombra do que foi grande brota luzes,
Queimando as vestes do tribuno ousado,
Rompendo o coração cheio de audacias
Sublimes e divinas desse athleta,
Que tem na bocca o verbo dos triumphos,
Nos ouvidos susurros sonorosos.
Que alliberdade,—arrojo magnifico,
Despede-lhe na face. Era Mazzini.

E lá de longe. dos confins da morte,
—« Italia mia! »—diz Petrarcha ausente;
Sente-se a vida, no passado occulta,
Romper brilhante. Espadanosa enchente!

Calada a patria, esvoaçara o genio;
Por sob a thiara o Envagelho ardia;
Veneza olhava na laguna a mêdo
Pallida a face no clarão do dia.

Dormîra a gloria maïs velava a honra,
Que evoca tudo á rigidez da vida;
Calido o sôpro das paixões accesas
Corre nas almas... Que manhan florida!

Mazzini augusto fita a Garibaldi;
Dos dous athletas o espectaculo é ingente;
E lá de perto, vendo o grupo heroico,
—« Italia mia! »—diz Petrarcha ausente.—



VII

O MONARCHA

Cezar um dia fôra grande e nobre.
Arrojadas no vôo de aguia altaneira
Todas as explosões da alma romana
Resoaram no peito de nm soldado.
Era o guerreiro, democrata illustre,
Que, sentindo a estreiteza á terra mater,
Mirava o pôr do sol além dos Alpes,
Era a Galia e a gloria ; era o triumpho!

Nesses momentos em que os povos sobem,
E a alma nacional mais extasia,
Quando augmentam as vagas das ideias,
Dos anhelos, dos impetos fecundos,
Trasborda a força, demandando a vida!
Lá n'um peito de bravo a onda bate,
O heroe salta da espuma radiante,
Tendo na fronte a magestade inscripta!
O heroe são as grandezas ajuntadas
Do coração da patria em alma humana,
Irradiações de aureolas vivaces
Nos cimos do futuros! A marchs è longa,
Invios caminhos n'uma senda escura,
Afadigada a sorte, o lance extremo:
Exasperam-se os fortes combatentes'
A vida estúa audaz, quebra-se o dique
Das expansões valentes, que fecundam;
Cresce o nivel de tudo... eis sobrenada
A demasia augusta. Um vulto surge
Carregado e sombrio:—è o patriota,
E' o rei de ideial alimentado!

Sentimos que nos vibra o pensamento,
Que um raio extranho nos açouta a mente,

Si todos contemplamos no fastigio,
E sabemos amar, esses portentos,
Fustigados da gloria, irrequietos,
Turbulentos de seiva e ideialidade,
Famintos de chiméras, e tombando
De um sonho n'outro sonho atraz do asylo
Da historia, acompanhados de ruidos,
Bravos das multidões!... mas carregando
Como as cadeias de um suplicio eterno,
Do philosopho o estigma indelevel,
La quando a magestade se escurece
Nessa noite dos crimes insondaveis;
La quando um rei tyrano arranca as azas
Da aguia nacional, que entao rasteja.

Nesses momentos em que os povos descem,
Quando as grandezas todas se esconderam,
Quando o estimulo da guerra é uma mentira,
E o brilho das espadas é deshonra,
Fallece a gloria nulla, emmurchecida,
Brotam urzes nos peitos inda livres,
E as expansões sagradas la dormitam.
Vem a historia, pranteia as amarguras

Das gerações captivas; grande enchente
Cresce e trasborda em seu regaço santo;
Rebrame enfurecida... Gritam despotas;
Escutam-se os estalidos atrozes
Que os Tacitos indomitos despedem.

O ascendente divino pouco tarda;
O ponto culminante dos destinos,
O futuro sonhado, lá se avista.
Não ha de o sol de sombra ennegrecer-se,
Não póde a humanidade radiante,
Ao sol das glorias rutilas douradas,
Deturpar-se com as manchas do caminho...

Cezar um dia fôra nullo e pobre.
De magoas cheio o coração romano
Palpitante as largou na face ao despota.
Sim;—era o dictador pallido e frio,
Calculando o porvir com cifras negras,
Era Bruto, e o punhal, a morte escura!

VIII

A Revolução

I

O rei vestido de mantos,
Cercado pelo pavôr,
O povo de andrajos santos
E mergulhado na dôr !...
Todos os peitos crescidos
Pelos odios destendidos
Das almas quasi a estalar;
E o rei pequeno e occulto
Na sombra !... Offuscado vulto !...
Férve o vulcão popular.

Acceso em todos os lados
O temporal das paixões,
Os élos todos quebrados
Da colera nos corações,
De gloria e noute rebenta
A agigantada tormenta,
Que a immensidade arrastou
Para escutar o ruido,
Esse insondavel zumbido,
Dessa lava—Mirabeau.

Fôra que o ardor do incendio
Raciocinar do vulcão,
De agitações o compendio
Pesado estalára então.
E' da raiva lava prima,
Que trôa e vôa por cima
Do turbilhão popular,
De Mirabeau a palavra,
Agudo punhal que lavra
O genio forte do mar.

E o vulto de homem valente
Lança da gloria o cartel,
Como divina torrente,
A' tyrannia cruel;
Profere o brado profundo,
E varre do réz do mundo
A pequenez cortezan,
E manda que n'alma do homem
Novos direitos assomem,
Novas côres na manhan!

Trajado em preto e sombrio
De sobre as faltas reaes,
Phantasma raivoso e frio,
Negro de acções desleaes,
Levanta-se o cadafalso,
Agora amigo tão falso
Abraçando o rei tambem,
Manchando de sangue o manto...
Si pezas cabeças, quanto,
Qual o pezo que essa tem?

« Não pesa nada, é vasia

Esta cabeça de rei;
O pensamento fugia
Dos eleitos para a grei. »
O cadafalso esperava
Cabeça que mais pesava,
Tinha tambem que aprender,
Em craneos ôcos de anceios,
Sem quebrar de devaneios,
Não encontrava o que lêr

II

A patria louca se agita,
Quem tem pensamento vá;
Do povo escuta-se a grita,
Vindo em triumpho Marat.
Os Girondinos alçados,
Sublimes, illuminados,
Abrem de ouro o coração,
E um bando de aguias brilhantes
De heroismo e de diamantes.
Paira no céu da nação.

Vergniaud falla ás tormentas,
O sól mais lindo se faz,
Nas faces rubras, sangrentas
Apontando o amor fallaz:—
Amor de patria tyranno
Que torna o céu deshumano,
E vai de sangue banhar
A flôr da gloria mimosa,
Que murcha, qual terna rosa,
Bem como o céu a chorar.

Vergniaud tira da fronte
O radiar da rasão,
Sacode sua alma insonte,
Mostra verdades com a mão.
Aquelle acenar de moço,
Trovejando no alvoroço,
Incendiado a ferver
È como um Deus no Olympo,
Tornando o raio mais limpo,
Mais brilhante o alvorecer,

Valazé prescruta o peito,

Acha em seu sangue mais luz,
Mais fulgor para o direito
Dos povos pallidos, nùs.
Rasga esse ninho sagrado,
Vasa o thesouro guardado
Como onda de ouro no sol,
Que, ao despedir-se da terra,
Larga os encantos que encerra,
Enche a amplidão de arrebol.

Os Montanheses escutam
Da tempestade o fragor;
Tudo desaba: elles luctam
Com reforçado valor;
Mas a santa liberdade,
A vida da humanidade,
Anciosa teme perder
Esse prelio de tormentos,
De ideias, de pensamentos,
De divindade a tremer.

Robespiérre negreja
Involto em denso bulcão:

Nada fulge, nada alveja.,.
Ei-lo que traz pela mão
O *Terror* turvo, ruidoso,
O *Ser Supremo* medroso
De tanto morrer assim...
Vôa nos ares a poeira,
A ferrugem derradeira
Da antigualha nulla e ruim.

Robespiére opulento
De odio insano, de calor,
Vê escoar-se o momento
Da lucta, o ultimo vapor:
Guarda as migalhas tomadas
Á realesa, arrancada,
À' corôa que rolou,
Para attira-las na historia,
Essa potestade ingloria,
Que desce, si o homem tombôu.

Danton arranca a arma occulta
Da noite muda e feroz,

Lança que a terra sepulta
Em muita dôr negra, atroz;
Mais o projectil iroso,
Que a nuvem forja horroroso,
Qnando cheia, e que lh'o dá;
E toma a couraça eterna
Da patria raiva. E' superna
Sua altura que vai lá.

III

Esvoaçando d'entre os sonhos
De seu ninho virginal,
Mostrando os olhos tristonhos
A' sua irman—flôr do val,—
Lá vai a rola cheirosa
Da sentimento, mimosa
De pudor e de paixão,
Carlota, essa ave tão pura,
Cheia de amor, de ternura,
Com a patria no coração.

Um raio da lua linda
Vem seu pranto debulhar
Na face, de bella infinda,
D'aquelle genio a voar;
Um raio do sól ardente
De valor, de ancia fervente
No seio cae da mulber,
E viu-se a aguia da sorte,
Abrindo o antro da morte,
Para Marat recolher.—

A santa, a moça tropeça,
No cadafalso cahiu;
Eis cortada uma cabeça
Que as faces puras tingiu
De mimo, de luz, de aurora,
Do rutilar que demora
Na rubra fronte de um Deus!
E' que uma alma de donzella
Tem pudor da sombra della,
Da flôr, da morte, dos céus!

Antonietta nas ruas

Vai salvar-se e os sonhos dar;
Mostrando as espaduas nuas,
De amor os labios molhar.—
Sacode as perolas bonitas
De seu collo, as aureas fitas
Do seu toucado real,
Agita o manto estrellado,
Deixa cahir o aljofrado
De um corpo celestial!...

« Tenho inda a aljava repleta...
Sinto meu peito inda encher;
Morrer com a vida incompleta...
Ai! sinto o craneo doer! »
Chénier assim murmura,
Gravando o olhar na planura,
Que o céu calmo mostra além;
Passando a mão pela testa,
Sente um ruido de festa,
Que approximando-se vem.

IV

E fôra o trabalho do homem

Esse brilhar de vulcão;
Não mais se verá que o domem,
Creou a Revolução.
Não foi c'roado de brilhos
Dados por pae a filhos
Que ergueu-se e se fez heróe,
Mas quebrando o encanto ao espaço,
Despedaçando esse laço
Que prende as almas e dóe...

No pelago da immensidade
Novos astros elle achou;
De mais brilho e claridade
Seu peito se impregnou.
Napoleão levantado,
Acceso, mas contristado
Por seu tardo amanhecer,
Fitando o vulto da fama,
N'um hombro lhe bate e exclama:
— Pouco tenho que fazer! —



IX

O Céu

Um dia as almas se estrellaram rindo,
Porque as illusões fulgidas, fugindo,
Não cercaram de trevas os seus ais;
É que por cima das paixões profundas
Brilham perolas fecundas,
Si as almas sentem de mais.

Sabe a vida mostrar-se bem serena
Si uma scisma esvoaça, como a penna
Arrancada de uma aguia, e que tombou;
Intimas petalas tornam-se mais leves,
Ha sonhos da côr das neves
Por todo mal que passou.

Lá na gruta dourada das victorias
Grava-se o canto magico das glorias
Nos corações em flôr, que hão de surgir;
Si perde-se uma estrophe descorada,
Logo é outra improvisada
Por quem sabe mais subir.

Nunca faltam verdores de esperança
No peito audaz de um homem que se lança
Em prol dos brios rubidos da luz;
Tomba a crença no seio dos amores,
Como o orvalho cáe nas flôres,
E os beijos nos collos nùs.

Toda magoa chorada escuta um hymno
De idéas, susurrando o meigo trino
Com que devem saudar tantas manhans...
Longe do azul das nuvens, que se occultam,
Tantos astros nos consultam,
Nossas queixas são irmans!

Assim se erguera o céu para os pezares.
As lagrimas dos crentes nos altares

Rescenderam purissimas da fé.
Dissera o pobre, olhando para a altura :
« Desta vida a lauda escura
Lá se rasga ; cá não é. »

E as explosões sublimes, impollutas
De quanto a sorte humana tem de luctas,
De quanto as gerações contam de bom,
Tudo creou um genio ao seu destino,
Com seu sorriso divino,
Das auras ao meigo som.

O céu! sim, é o enthusiasmo, a vida
Toda em chammas, buscando uma sahida
Para os arroubos todos do ideal.
Quanto foi grande olharem para os ares,
Sentindo um sopro dos lares,
Na bafagem matinal!

Calada lá... profunda, magestosa,
Essa cupola, que veste-se de rosa,
Guarda a questão perenne, secular...
Como que alguem se occulta lá... na sombra...
Creança fragil se assombra,
O justo põe-se a scismar!

Tambem por entre as flôres rio-se o vento;
O perfume se exhala! que momento
De saudosas meiguices!... ah cantae!...
Tudo mostra nos labios um gracejo,
Das aventuras no adejo
É bom sonharmos... sonhae!...

Tambem pelo deserto viu-se um brilho
De festiva mansão, por entre o trilho
Das areias queimadas, lá no pò...
Alegria nos olhos esfaimados...
Quantos desejos tombados...
A solidão, ella sò!

Passemos inda adiante;—sempre resta
No peito forte o brado de uma festa,
Muito sorriso vai se abrindo em flôr;
Agora foi que os mares acordaram
Que as matinas despontaram...
Novodia, novo amor!

Quem ha ahi que não deixe o pranto inutil,
Si as scentelhas da luz provam que è futil

A fumaça que o vento esvaeceu?
Quem não gosta de vêr uns seios tumidos
De camelias, ainda humidos
Do orvalho que amanheceu?

Do céu nos basta a abobada dourada,
Basta o iris, chega a nuvem esmaltada;
Para que mais que o sól e os corações?
Em febre a sêde santa das estrellas ..
Todos nós queremos vê-las,
Ah! chiméras!... illusões! ..



X

O Inferno

Grande... em sua fornalha os seculos ardem
A seiva dos rebeldes lá fumaça;
E sempre o diabo, interprete profundo,
Bebe o licor da vida em negra taça.

E' incendio voraz... quem disse?... Engano
E' o genio gastando as excrescencias,
Que a todo vulto athletico sustentam
E gostam de morar nas eminencias.

E todos os gigantes destemidos,
Que se arrojam intrepidos na vida,
Tendo na fronte a pegada do enygma,
Hão de passar por baixo da medida...

Mas um dia algum peito desmarcado
Póde quebrar das tumbas a barreira,
— Dizendo á multidão ennobrecida
Que para esclarecer-nos surja inteira.
Não sabemos como Lucifer proscripto,
Aguia fatal que devassara a altura,
Consente em condemnar as ousadias,
Sim, dos que têm com elle essa estatura!

Talvez é que, empenhado em despedir-se
Do mysterio que peza-lhe nas azas,
Busque os auxilios dos temiveis grandes,
Que trazem a alma toda accesa em brasas.

E por lá, occupadas do martyrio
Que a sorte impregnou pelas grandezas,
Não cuidam cá dos brados que revoam,
De tantas maldições,—as realezas!

Essas sombrias magestades, mudas,
Pegadas ao abysmo, pensadores
Que das trevas soletram os segredos,
E que da morte arrancam os fulgôres.

Cresça a procella nos mares ;—isso é pouco :
Do futuro se ausente mais a vinda ;
Novo calor no fogo das ideias,
E que o negrume augmente mais ainda.

Ainda mais ! A lucta é á porfia,
Toda a grandeza aguarda o seu instante ;
Por entre os borbotões, que as ondas trazem,
Pelos mares do tempo venha um Dante.

« E' por longe ; estão as tendas
Dispersas na escuridão ;
Foge a vida, vai, que aprendas ;
E' thesouro o coração ;
Quem tem a noute calada !
Possue o guia da estrada ;
Na mente a crença guardada,
Não receia a maldição. »

Aquelle que a virgindade
Das manhans embriagou,
E a aurora na mocidade
Os sonhos seus decotou,

Assim, no instante em que a ida
A traz da sorte é sentida,
Das flôres na despedida,
Um canto d'ave escutou....

Do caminheiro a jornada
Tem as suas tentações,
Nem sempre a moita copada,
A veiga com seus festões :
Passa o valle, eis a montanha,
Quer subir, mas é tamanha !
Conta comsigo ; eil-o a ganha !...
Agora ?...—as constellações !...

Chegou a vê-las de perto,
Novo clarão lhe bateu
Na fronte ; pelo deserto
Novo aroma rescendeu ;
Outro sol feriu-lhe n'alma,
Do peito na fonte calma
Desponta orvalhada palma
Em que um mundo se escondeu.

Não ha conter a desordem;
Deixem crescer a maré;
Todas as trevas nos mordem,
A natureza é que é ré.
Consintam que os pensamentos.
Que os nobres commettimentos
Busquem calar os tormentos
Para firmar-nos na fé.

Toda ideia um condor vale;
Deixai-a voar assim...
Toda vaga que nos falle
Pode trazer-nos um—sim!
Em vossos córos supernos,
Boccas, bradai dos galernos:
— Partem até dos infernos
Uns brilhos santos, por fim...

E' tudo puro. Se tomam
De tanta raiva sem par...
Ah!—quando as azas se assomam
A luz deixa-se chegar.
Não tem astros esse pego?!

Mas atraz vem Milton cego,
Dizendo ás auras:—Eu nego,
Pois que ali pude enchergar!

Quem podera encontrar as preces fundas,
Que, nas quedas precipites, ligeiras
De oitenta imperios, acham-se enterradas?
Quem lhes soubera as magoas derradeiras?

Pensamentos perdidos, vôos de aves!
Quem lhes notara o trilho pelos ares?
Pois bem, se o coração soffreu foi hontem;
Para que fallar-lhe agora de pezares?

O que é isto? Se escuta uma harmonia
Do vento nas palmeiras que perpassa....
Disséra ser um verbo de propheta,
Bradando a um povo egregio—que renasça

A natureza ria-se garbosa,
Seus ramalhetes acham-se mais leves;
Noiva querida, dos jasmins amada,
Negar os teus perfumes nunca deves.

Da alma o brilho casado aos teus encantos
Pódem juntos gozar a immensidade,
Ide assim, devassai quantos mysterios
Inda fazem chorar a humanidade.

E que, feita das perolas lançadas
Por toda a mente homerica sonhando,
E dos risos que os passaros derramam,
Venha a flôr do porvir desabrochando...

Triumpho pelos ceus vai se estendendo ;
No arfar de nosso peito aureo se enlaça,
E sempre o diabo, interprete profundo,
Bebe o licor da vida em negra taça.



XI

~~~~

As Cruzadas

E' um tumulto divino,
Que traz o destino agora;
Bateu mais forte esta hora
Nos ouvidos do Senhor,
Lá nos labios do Eremita
Queima a palavra de fogo;
Jerusalem faz um rogo;
Seu manto mostra de dôr.....

Velha cidade cahida
De seu pedestal de sonhos,
Escrava de olhos tristonhos,
Escuta o passado e vae
Ao Golgotha ver si o tormento,
Negro phantasma implacavel,
De seu crime é perdoavel,
Si Jesus da tumba sae.
~~~~

Era um momento que ardia
Esse em que a morte abalada
Aos velhos muros lançada
Pesou no braço de Deus...
Jerusalem abre a Biblia,
Pensativo é Jeremias,
De labio rubro Isaias,
Ezequiel mira os ceus!
David offuscante, enorme
Apalpa as fibras do psalmo
Sublime, estupendo e calmo...
O mar lhe diz:—que quereis?
Daniel meigo se volta
Para a banda dos crepusculos;
Baruch, agitando os musculos,
A' gloria diz:—que fazeis?

O grande livro palpita;
Alçam a fronte os prophetas,
Esses immensos athletas
Com suas barbas de luz:

O sepulchro falla e braha,
O livro se eriça e treme,
Mostra na pedra que freme
Não Mahomet, mas Jesus!

Que n'alma tinha brilhante
De vinte seculos a gloria;
Erão grandezas da historia,
Rolando no peito seu;
Erão ondas do futuro
Que tinha fechadas, presas
Nessas ideias accesas,
Que resplandecem do ceu.

Genio que trouxe uns resaibos
De beijos da immensidade;
Largara-os da humanidade
Na sombria e escura dôr.
Da solidão scismadora
Tirava os sonhos dourados;
Tinha-os no peito guardados,
Porém da alma e não da flôr.

....

As lanças fallam de guerra
Todas as frontes pasmadas,
Todas as almas alçadas
Ao troar dos corações!
Os peitos sorvem abysmos,
O instincto santo se ateia,
A taça amarga está cheia,
Caminham as multidões!..



XII

Saladino

Tolda-se o céu de nuvens d'alma ao crente,
Uns presagios amargos se lhe antolham;
Do livro *santo* os distichos scintillam,
De pranto suas paginas se molham.

Os sonhos do Propheta se escurecem
Nas visões
Da gente eleita, e como se tecem
Os clarões!

Clarões enthusiasticos e fortes
Que, de uma vez abrindo o céu profundo,
Derramam de esperanças e victorias
O brilho triumphal por todo o mundo.

De desejos e de orações sentidas,
Baptismal,
Surge o chôro das crenças abatidas,
Aromal. .

E no escuro dos intimos pezares
E' que as almas seu ouro purificam,
E' que a ideia ridente desabrocha,
E os sonhos auroraes se ramificam.

E, depois, nessas mentes escaldadas
Vós luzis,
Thesouros, como as faces la scismadas
Das Houris.

N'uma flor sempre aberta a luz não morre,
N'um festim sempre prompto a vida salta !
Não fallecem aromas na donzella,
No coração do povo Deus não falta.

Deus—é o enthusiasmo, a força, a guerra
Das nações :
Marchai, que o valor vosso elle descerra,
Legiões !

Destaca-se o vulto. Bem dentro, no fundo
Das almas accesas revolve-se o mundo,
Que mostra esperanças em vez de manhans...

Eis tudo revôa na busca dos sonhos,
Brilhantes de encantos, fecundos, risonhos,
Das glorias serenas mimosos afans.

Eis surge o guerreiro ;—nas faces de nobre,
Tocadas as fibras da honra, descobre
A santa vertigem do humano valor :
De lança no punho, de brilho nos olhos,
No peito a coragem, tragando os abrolhos,
Que a guerra fumega, que gera o pavôr.

Couraça a nobresa, por lança o denodo,
Não mancha-lhe o vulto dos fracos o lodo,
Não sabe o caminho das fugas crueis ;
Bandido de genio, pirata da sorte,
Atraz das victorias levando a cohorte,
Atraz das grandesas cançando os corseis...

Avança, valente, destroça as fileiras ;
Mas só das audazes, mas só das primeiras
Coragens robustas,—que avançam tambem !...
Renhido o encontro, tremenda a voragem,
Quebradas as armas,—augmenta a coragem ;—
Fugindo-te a vida,—lhe atira o desdem !

XIII

A RELIGIÃO

Onde se passa transfusão sublime
Do espirito que o corpo nos abala,
Como da ideia agita-se a plumagem
A voz das cathedraes meiga propala.

E do voar das esperanças todas,
Para de um mundo alem viver n'altura,
Podes, religião, saber dos transes
Que testimunha a celica planura.

Alonga-se a visão de um mundo ethereo,
Perdura a santa esphéra de aureos sonhos...
Porque não? si inda a morte nos abraça,
E os olhos seus nos mostra inda tristonhos?

Passa a aragem das tardes pensativas
Em nossa fronte impregnando a vida.
Destrahidos, olhamos para as flores,
Quando por traz a sombra nos convida...

Digo a sombra, e não sei ! parece eterna,
Perenne bailarina, sempre á frente
De todos os sorrisos que revoam,
De todos os triumphos nunca ausente.

E' comica importuna que nos beija
Quando a dôr dilacera as alegrias,
Irrisão que bem sabe que molesta
Nossos labios tocar com as faces frias.

Quem podera livrar-nos dessa louca,
Que apostou-se a seguir-nos passo a passo ?...
Mas... oh ? não !—si ella sabe harmoniosa
De tantas illusões prender o laço !

Santo prurido de expansões celestes,
Meiga frescura de effusões suaves !...
Quanto é sublime divagar a mente
Em pura devoção la pelas naves !

No velho templo a virgindade amena
Da mansidão divina quanto enleva!
E os suspiros voando entrelaçados
Pelos flocos do incenso, que se eleva?!

Tudo... tudo é candura... As almas crescem
Meigas, estremecidas pela graça;
Repleto o coração affirma ao crente
Que la'nas nuvens o Senhor perpassa.

Quanta doçura pelos olhos castos,
A voz do sacerdote—derramando,
Faz despontar dos pensamentos nobres
A grande elevação, que vem brotando!...

E' quando os psalmos da virtude entoa,
Bello quinhão da lyrica divina!
A lagrima tombada, nesse enleio,
Como refresca a aragem matutina!—

Mas si em nome de Deus, o padre estúa,
Vibrando o verbo que fulmina e mata,
Si, aberto o livro da paixão celeste,
O vortice da gloria o arrebata—

E' grande vêr o povo comprimido
Deixar batê-lo a onda da grandeza;
Pois parece que o ceu nos ama ainda,
E nos manda inda um Deus a naturesa.

Mas, nobre altar, que os seculos, tocados
Do teu fulgôr eterno, sempre amaram,
Si o relampago que brilha vem sosinho,
Tuas galas por isso não murcharam.

E' sempre uma grandesa amar as luzes
Que em calices brilhantes nos repartem
As estrellas, amigas das donzellas,
Ainda que a nossa alma nunca fartem...

Suba das affliçōes a prece funda,
A sortida por Deus é uma excellencia.
E largar estilhaços das ideias,
Rechaçando o pavor dessa eminencia?!

XIV



O Pensamento

I

A vida entrelaçada d'esplendores,
Uns sonhos absortos nos combates
Das lavas e das aguias aos embates,
Um astro que peleja um astro mais;
E Deus que se aproxima e sente a dextra
Do philosopho, palpando a sua sombra,
E Deus, de quem a fronte mais se ensombra.
Si as estrellas perguntam :—« duvidais? »

É isto o pensamento. A ideia humana,
Fornalha boquiaberta,—onde a aspereza
Do mundo se destende na grandeza
Que ostenta immensidades;— onde a flôr,—

— Esse mimo de scismas e de encantos,
Tem mais novos sorrisos, mais perfumes,
Novos sonhos que voam nús, implumes, —
Onde a virgem è deusa e a deusa amôr,

Ardendo transfigura esses portentos
Que a naturesa crêa e nos amostra.
E quando cresce o esphynge que nos prostra,
Lá quando os desvarios vêm tambem,
Cheios de grandes vagas de fulgores,
Dessa areia de estrellas, onde brilham
Mais luzes que ardentias, que fervilham
Na volupia de encantos que a alma tem,

Alça-se a humanidade estremecida.
Os craneos fervem mais que o turvo abysmo;
E toda a aspiração é um paroxismo
Do infinito que muda-se, ou desceu.
Pensar é têr a vida dos segrêdos
Sobre a nossa, que embala o azul de um sonho;
Pensar é ter o labio mais risonho
Sobre o labio da flôr, que se accendeu.

II

Dentro, no—seio—do scismar das virgens,
Dos corações na sublimada esphera
Chegam odôres, que as paixões abalam,
A onda mostra-se onde o rizo impera.
Tambem dos mares nas espumas candidas,
Si abrem as flôres que a manhã sonhou,
Vê-se que passam pensamentos rapidos,
Sombras ligeiras que o luar beijou.

As almas todas têm os seus mysterios,
As suas dôres, que adormecem santas
Ao som das azas que o futuro agita !...
Lá nos segrêdos que no peito implantas,
Ideia austera, fulgurosa, ardente,
Pura, anhelante sob o teu pallor,
Eternidades se revelam núas,
Accessas todas pelo teu amor.

A noute escura, que se faz bacchante
E vem com a face nos tocar n'um hombro,
E os seios tremulos, as madeixas longas,
Braços despidos... divinal assombro !...

Os olhos vivos, que nos fallam de ancias,
De luctas loucas que a paixão ferveu,
Vestido aberto, que se vêem as formas,
Sentar-nos linda no regaço seu,

Recebe o beijo que o ideial occulta
Para as estrellas que o visitam virgens!
E voam grandes, da grandeza fulgida
Que os ceus conquista, que não tem vertigens.—
As almas todas têm as suas graças,
Que ramalhetes lhes tecendo vão—
De pensamentos, de lembranças louras,
Prêsas, ligadas sobre o coração.



XV



A Crença

Nesses momentos em que as almas crescem,
Lá nessas horas em que tudo é pouco,
Quando a delicadeza assetinada
Do sentir-se revéla mais profunda,
Tudo que experimenta as amarguras
De nova embriaguez da eternidade
Sobe mais um degráo, mais se avisinha
Da assombreada incognita dos mundos.

Desponta a tempestade das ideias,
Dos sonhos estrellados, que se arrojam
Sobre a fronte dos Dantes...
E' que o genio
Em cada nuvem vê que o ceu se abaixa,
Em cada um astro—Deus—que se aproxima.

Creança bella de feições mimosas—
Que mostra na expressão dos olhos virgens
A candura que as santas alimenta ;
Creança meiga de feições serenas,
Que exprime n'um olhar toda a ternura,
Beijando a flôr, cheirosa de tristeza,
Exclama : « E' minha irman ! » E o ceu applaude.
Dir-se-ia que da flôr brando perfume,
Do humano coração as harmonias
São um só pensamento das grandesas.

E' bello ver uns olhos de donzella
Chorar as magoas, não, as alegrias,
Como a rosa engrinalda-se de orvalhos...
Mais sublime, porem, é ver a sombra,

Cercando o pensador, estremecido
Pelas ondas de luz, que alem se espraiam,
Largar-lhe a grossa vaga de negrumes
Sobre a face e escutar: «Eu vejo ainda!...»

E' vêr o sacerdote pensativo,
Em vez das alvoradas, ter as noites,
Em vez de uns olhos meigos, ter a morte,
E scismar sobre os tumulos: «Eu creio...!»



XVI

A DUVIDA

Quem sabe de uma face emmurchecida,
Quando lhe rola a perola perdida
De lagrima, que tomba, onde, em que flôr,
Em que seio, em que calix invisivel
Vai cahir esse mimo? Oh! indizivel
E' o segredo quando o nutre a dor!

Mas o que digo? Lagrimas agora!
Ellas nunca, que a duvida vigora
Só quando outro carinho a acalentou;
Dos rebeldes á treva o privilegio
Em labios infantis, é sacrilegio,
Entre prantos as azas não gerou.

Palpita a luz, a legião cercando.
Dos contrictos, que a vida vão amando;
Que do horisonte adornam-se os festões;
Mas de uns labios, não vistos, salta o verbo,
O som destruidor, profundo, acerbo,
Que faz estremecer as multidões.

Em o seu ninho adeja o pensamento;
Ainda não chegado o seu momento,
Pelos cimos além quer ir pousar;
Demoniacos da ideia, esclarecidos,
Imprudentes, se arrojam destemidos
Os que ainda não sabem recuar.

Operarios audazes, o martyrio
Vale um estimulo nobre, vale um cyrio,
Que, acceso para a morte, brilhos dà.
Surge attrahente a duvida fecunda,
Irradiam-se as faces; mais jucunda
Alguem chega-se perto... quem será?!

E' a verdade tremula que passa:
Vaidosa tentação, logo esvoaça,
Quando a turba dos grandes applaudiu;

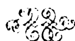
E' que um outro mais forte nega ainda!...
No oceano da vida, vaga infinda,
Onde foi que o seu fundo já se viu?

Por ali quebra-se a ancora largada,
Passando o temporal que da amurada
Desprende o navegante, o vulto audaz;
Um desses, que se nutrem de perigos,
Que, atirada a alma nua aos desabrigos,
Enviam-n'a a espreitar o que Deus faz.

E no crespo das vagas mais crescidas,
Quando da luz fecharam-se as sahidas,
E a noite a creação muda tragou,
A alma, jogada á vastidão dos mares,
Não se perde, que libra-se nos ares;
Em que pode a onda prêsa a quem voou?

Seguem-se os seculos. Mas eis chega o dia
Em que do ceu perturba-se a harmonia,
Em que da gloria crestam-se os rosaes;
Lá de cima o mysterio, resentido,
Se queixa que do mar fôra trahido,
Quando deu-lhe em cortejo os vendavaes.

E' que da sorte o naufrago profundo,
Pairando pelos pincaros do mundo,
Foi sentindo que o azul se esvaeceu...
Esse azul, que de estrellas se recama,
Foi perdendo o fulgor de sua chamma,
Ao passo que a alma humana mais se ergueu.



XVII

A CIVILISAÇÃO

No cenaculo dos genios é que a gloria
Se fabrica de luz ; e nos fulgores,
Que das frontes illustres se desprendem,
Vem tambem a scentelha dos amôres.

Amar dos corações a lida insana,
Amar dos pensamentos a tortura,
Isto sabe ensinar um livro aberto,
Em que de uma alma sente-se a frescura.

Civilisação são arroubos,
Vôos de ideias gigantes,
Civilisação são montantes
Das cabeças a sonhar ;

Enchente sempre ruidosa,
Que a lauda traz derradeira,
Que a alva teve sobranceira
Toda noute a meditar.

E depois vem resurgida, radiante,
Largar os hymnos seus sobre os valentes,
Que, na lucta empenhados, se esqueceram
De que a noute fugia. Combatentes!

Elles sabem tragar as amarguras
Que a sorte atroz atira-lhes na arena,
Em troca de uns segredos sorprendidos
Aos cochichos com a brisa sempre amena.

Estudar é abrir as margens
Ao mar estreito da vida,
Travar a lucta renhida
Entre o brilho e a cerração.
Rompendo fortes recatos,
Indagar de seus brilhantes
Em colloquios incessantes,
Encurtando a escuridão.

Tudo custa a vencer. A humana lide
Traz sempre um canto alegre de victoria;
Fica o rastro offuscante dos guerreiros
Dos futuros gravado na memoria.

E porque é que uma ideia que perpassa
Ao longe, e que nos manda a claridade
Ha de ser disputada pela treva,
Que em ondas rola aos pés da humanidade?

A dhalia, que expande as petalas
Para sorver os perfumes,
Os graciosos queixumes
Que o orvalho amante lhe traz,
Terá tambem seus anceios
Suffocados n'um preceito,
E o tumulto de seu peito
N'um elo que o céu lhe faz?

Mas é grande fitar os horisontes;
Quem tem maior altura se levante.
« Eu vejo! » Diz o poeta embevecido,
Quando o sabio lhe diz: « Eu vejo adiante! »

Ide fortes, audazes de fervores,
Fazei resplandecer de ouro luzente
Essa nevoa, que ao longe nos circunda
Esse escuro, que prende-nos demente.

Bem sei, no calix da sombra
Cahiu a baga serena,
Um suspiro de açucena,
Mas outra gôtta a manchou...
Um genio toca o mysterio,
Encontra a vaga do encanto;
Mais outro a vaga do pranto,
Si em sua fronte beijou.

Sim; o grito de guerra seja um brado
De apostolo que ensina ao povo rude;
Muito pranto, sorvido em alegrias,
Não faça mais da vida um ataúde.

A nossa alma não chama-se a proscripta,
Que padece do céu a nostalgia,
Denomina-se a crente arrebatada
Que dos astros o canto preludia.

Aqui na terra desponte
Essa vergontêa, floresça
Nos peitos nossos, e cresça
Seu ramo por sobre nós.
Como o jasmin deita os galhos
Sobre uns seios de donzella,
Que accorda pallida e bella,
Para fallarem-se a sós;

Como lhe enreda as folhas nos cabellos
E vae na face fulgida mimosa
Contrastar o candor das proprias flôres
Com a nividez da cutis melindrosa,

Assim a haste dourada das ideias
Em nossos corações circunde a palma,
E, si as flores tombarem, seu perfume
Vá com as petalas cahir sobre a nossa alma.

Ahi no meio de magoas,
De triumphos e dezejos,
De harmonias, aos adejos,
Ao desprender das paixões,

Aberto o templo celeste,
Da naturesa aos enleios,
N'um altar ardem anceios
Em prol das revoluções.

E sentimos passar pelos cabellos
Rijo sôpro que arroja-se dos mares
E que vem saúdar, no intimo da festa,
A humana rebeldia nos seus làres.

E sentimos o aplauso magnifico
De tudo quanto a força, a ideia exalta ;
Dos montes que coroam-se de chammas,
Quando o vulcão acceso o espaço assalta.

Assaltar assim devemos
Dos seculos o vellocino,
Do futuro sobre o pino
Desfraldar o pavilhão
Das crenças, do enthusiasmo,
Das luzes, da liberdade...
Fazei brilhar, mocidade,
A vossa constellação !

XVIIII

A Escravidão

Moça a terra uma vez ouvira um grito
Com que as selvas robustas echoaram ;
Era Adão, pai dos homens, que bradava :
« Caim ! » Caim !... as gerações clamaram.

Clamaram no futuro. Os seculos todos
Apressados, ruidosos, têm chegado,
Procurando abafar o grito eterno
Aos ruidos das festas; mas... baldado !

Em balde o mar arroja as suas vagas
Para lavar dos homens a memoria ;
Sempre a mancha se avista no horisonte,
E a lauda negra dorme la na historia.

— E o pensador curvado que medita—
— Como rasgar a pagina da ira,—
Alça-se a fronte, offuscado por um brilho,
Bráda:— «Achei!» Mas o mundo diz» Mentira!»

E' a voz dos desgraçados, dos perdidos
Para o festim dos livres, que se escuta;
E' o chôro dos captivos, alternando
Das cadeias com o som, que a vida enluta.

E' a vóz dos corações rotos aos ventos
Que vai fallando .. As magoas não se calam.
E' o chôro dos oppressos, de onda em onda,
Retumbando nos templos, que se abalam.

Cresça mais essa vaga escarcelosa;
Desse mar é que o dia vem raiando,
E desse turbilhão brotam os monstros,
Que os thronos e a miseria vão tragando.

O soffrimento conta este prestigio:
Attirar a vertigem de seu seio,
Jorro negro que sae de um antro escuro,
Trazendo a luz envolta de permeio.

. . . .
. . . .

Passa a festa dos lautos. E' perfidia,
Porque alli geme um pobre e um ferro tine...
Quando será que os astros nos segredem,
E essa noute o que sabe nos ensine?

Passa a festa dos lautos. Quanto é grande!
Deixai passar... o gozo, o riso é santo;
E' a ventura dos livres que se expande!...
Quem lhe déra mais força, mais encanto!

Que ella chege até lá... De seus fulgores
Lance essa embriaguez, que nos exalta.
Todos vão se chegando... No banquete,
Mais um pouco de tempo, e ninguem falta.

E' a grande ascenção. Não ha divisa
Que separe o oceano e os céos amados...
Lá se bèijam das ondas aos fervores,
Das estrellas aos risos encantados.

Pois bem; — assim dos homens o destino
Lá n'um dia ha de ser todo fulgente;

Di-lo a America ao efluvio das espheras,
Imflamando a sua alma incandescente.

Ella que sobre a cordilheira altiva
Aprende como sopra o vento fero,
Ella que pode dos volcões gigantes
Escutar o bramir profundo e austero.

No brado de Bolivar, lá nos plainos,
Assistindo os applausos das palmeiras,
Poude vêr como as flôres se adiantam
Para saudar o sol, sendo as primeiras.

E na morte de Lincoln, lá na festa,
Mirando como crescem vencedores,
Poude vêr na alma enorme que voava
Da liberdade os sóes interiores.

....
....

No raio acceso que as manhans mandaram
Beijar da lympha a tremula passagem ;
No raio acceso que as ideias nobres
Attiraram dos homens na voragem,

Vêm os risos sonoros dos triumphos.
E na voar d'aquella aguia, que se occulta
Da nuvem negra n'asa tremulante,
Quem não ouve o fervor que o mundo exulta?

Cale-se o chôro inutil dos proscriptos,
Nossas flôres de pranto não vicejam;
E se as auras de lagrimas se molham
Em nossas faces languidas não beijam.

Sêr captivo é fechar a lauda pura
Em que os sonhos auzes se delineam;
Sentir que na passagem do futuro
Os sorrisos alados não vaguêam.

Mais um esforço nobre! E o livro d'ouro
Do porvir se desfolhe á claridade?
E si Adão, rei dos mortos, clamar inda
«Caim!» Caim! a multidão não brade!—

XIX

O Destino.

Sei; é preciso que tambem sintamos
Tudo o que vai de alegre na alma humana,
O que existe de riso nos destinos,
O que existe de flores nesses peitos,
Que se julgam magoados pela sorte;
— E' preciso cantar com a aurora e os passaros.

Sim, bebam-se da gloria os devaneios;
Basta deste volcão ver a cratéra.
No peito humano que se inflamma e que arde,
Ao fulgor de grandesas offuscantes,
Que o sol deixou pender do ceu profundo,
A gloria é como o abrir de rosa linda,
Que as ideias perfuma e divinisa.

Abram-se as fauces das paixões ferventes,
Que a deusa cicatrise essas feridas,

Esses mysterios que a razão nos déra.
Riso das auras que namoram flores,
Riso das flores que namoram sombras,
Pranto da estrella que enganou a nuvem,
Pranto da nuvem que tombou nos mares,
São ramalhetes que do ceu se atiram,
São garridices para nós sonhadas!
Baile de flores, um sarau de estrellas,
A natureza de collar de noiva...
Ah! muita musica n'amplidão dourada,.
Muita donzella na mansão celeste!...
Quanto orvalho no calice das almas,
Graceja, rindo olorico e mimoso
Com seus sonhos, que meigos de alegria,
Anhelam se abraçar, cair na morte,
Lá nessa morte de um ferver de arroubos!
E como que um suspiro suffocado
Por um riso, uma lagrima apagada
Por um canto, os mais bellos do que o gosto
De amoroso jasmin, que, ao beijar dhalias,
Expande o seu corpinho, que é um delirio,
E suspira e soluça e esvae-se e acaba
Em ternura, em prazer, em goso, em nada.

Alegria, alegria!... ah! quanta magoa,
Quanta sombra evapora-se ao teu riso!
Sentir-te o aroma é ter os labios presos
Bem sobre o coração da dor que morre;
Tendo a face vermelha de gracejos,
Lançar encantos sobre o peito aberto
Da paixão, que se estorce e se aniquila.

Almas ha que são flores radiosas,
Lindas ideias que um sorriso anima,
Que na sua frescura ama, engrandece,
Nos sonhos seus decora-as de bellesa.
Mimos trocados, graças confundidas,
Uma ternura se embebendo n'outra,
Um sorriso brincando com um gracejo,
Uns beijos que são extases estrellados,
São loucuras que accende a eternidade.
Assim Deus nos abraça e transfigura.
Grande, a gloria o que é? E' uma cantiga,
Que os labios de donzellas, requeimados
De harmonias, sonhando, exhalam rubidos,
E nossa alma illumina. O valle é triste...
Ceda-se a elle o que a alma desperdiça,

Dar-nos-ha a saudade essa mistura
De perfume e de amores... Quanto é doce!
Quando um suspiro desprendido foge,
Vai talvez nos trahir no céu, nos mares,
Ou quando o pranto faz brotar as magoas
Mais tristes, mudas, que o sentir encerra,
Quando todas as luzes se apagaram
E a sorte negra, conquistando sombras,
Dôres mais dores nos cerrou no peito,
Oh! que a montanha tem bastantes mimos,
Flores brilhantes para dar-nos risos!
E si ás vezes a alma é curta para o homem,
Para nós é batel de mares calmos,
D'aguas mortas, e nós passar devemos
Grande revolução, irman querida...
Deixar morrer o encanto, esse prestigio,
Deixar cair essa paixão mimosa?!
Si a alma fraqueia, vá pedir ao rio
A força com que alarga suas espaduas,
Com que estende o seu punho de guerreiro,
Athleta da solidão, rei do deserto!
E si parte do inferno deslocada
Dentro das magestades tripudia,

E si todos os sonhos se negrejam,
E si todos os impetos se calam,
Tomem de algum crepusculo morno e mudo
O desdem que alimenta a immensidade.
E' mais que das manhans a zombaria,
E do que a seriedade magnanima
Que o sol do pino seu aos reis attira!
Basta. Eia, pois!...
O homem não è somente
Pobre banido, recolhendo magoas.
Sua alma se banhou de aurora branda,
Rica, offegante de grandezas puras
E d'ahi arrancara a voz, a estrophe,
Esta luz, este mundo, este sol meigo
Desta palavra céu, verbo sagrado, —
Amor! que só estrellas escreveram,
Que o vento pronuncia e a terra escuta!



XX

A LIBERDADE

Grande alimento das nações valentes,
No peito de um heróe o que ella vale?
O que importa esse engano dos proscriptos
A voz dos mares tremula que falle.

Si não se curva uma alma ennobrecida
Em que reluz da força o bello esmalte,
Qual o florão que brota na desgraça
Annibal que profira, e Bruto exalte.

Sempre é possivel que n'um peito de homem
A fé da altura espalhe a claridade;
Mas o martyrio de uma vida inteira,
Mas o amargo cruel da liberdade,

Que, nas victorias que as manhans descerram
Sobre as boas cabeças militantes,
Derrama das nobresas a candura,
Da austeridade os fulgidos brilhantes—,

E' grande herança que aos eleitos cabe.
Lucta por lucta, quanto é santa aquella
Na qual do coração o sangue escorre
Em que boia da idéa a estrella bella!

Deixar que a mente se desgarre altiva,
Que o pensamento se affugente a esmo,
Ter o jugo suave de si proprio,
Ser profundo e fatal comsigo mesmo,

E n'um lançe da morte, que se affirma,
E na invasão do nada, que nos bate,
Ter da idéa a scentelha como guia,
E nas mãos a armadura do combate,

Ser levre como o ar que se evapora
Ao choque dos relampagos celéstes,
Quem não vê que é sublime e radiosa
Nossa alma toda, sacudindo as vestes?

Irradiação soberba dos thesouros
Que um peito nobre sabe ter occultos!
Desponta um sentimento como os astros
Atraz das nuvens pallidas sepultos.

Livres! A sua fronte conta as rugas
Sem que os ceos lhes perguntem em que pensam;
Todos os grandes que a fraquesa adora,
Todos os guias da alma elles dispensam.

Indomitos e bons, gostam de mudos
Admirar o vóo dos condores;
Poetas do coração gostam de alegres
Derramar sobre a vida mais fulgores.

Tomba uma folha do vergel da gloria
Como murcha uma flor de um seio ausente:
E' bom poder dizer:—eu arranquei-a
—Vem brotanto uma outra mais virente!—

E' o signal que imprime-se indelevel
Na face das paixões, que nascem nobres,
O brabo dos impavidos de genio,
Autocratas de si, fallando aos pobres.

....

Nova grandeza a sorte vá jorrando,
Mais harmonia os sonhos vão ouvindo...
E, sobre a liberdade engrandecida,
A humanidade mostre-se sorrindo.



XXI



A Alma

I

Aqui da fronte é que desponta a aurora,
Aqui do peito só que o amor se exhala ;
Grega sublime, Psyché formosa,
N'um sonho doce quem te ouvira a falla,
O riso meigo, o harmonioso anceio
Dos teus enlevos!.. Nas madeixas tuas
Ah ! quem pousara de um suspiro, ao menos,
O tenue mimo... nas espaduas nuas !

Mas, sonhadora, que altivez é essa ?
Deixando os labios, vais beijar as flôres ?
Dá que o teu seio deslumbrante e meigo
Nos mostre a vida dentro em seus fervores,

O vento fresco das manhãs saudosas,
O azul da vaga, que desperta agora,
Todo o susurro, que os jasmins ondeam,
Por tuas graças é que tudo adora.

Oh ! bella imagem das ternuras brandas,
O teu perfume pelo céo foi feito ;
Tu, que acordaste de uma scisma aos frocos
Involta, e nua do sidereo leito.
Lindo o teu corpo, que as paixões desfolhas
Já de cançadas de te ver ausente,
Dize — nas dobras de teu seio — occulta
Tambem uma alma não palpita e sente ?

II

Como que a vida se evapora em risos,
Lá no sacrario dessa noiva santa !
As nuvens louras dos cabellos sôltos,
Rosada a bocca, que as manhãs encanta,
Inda mais bella si ás estrellas falla,
Não... não é tudo... mas o puro espanto
Dos seus olhares, que reflectem mudos
A gloria e a sorte em divinal quebranto ? !

Sim, ver-lhe o corpo, na expressão de um sonho,
Fingida a neve pela côr das rosas,
Tão transparente, que a sua alma em extase
Mostra-se toda nas feições mimosas,
Ver como um susto lhe descóra a face,
Como um anhelo lhe entumece o seio,
E' ter a fronte sepultada em brilhos
Longe os mysterios desvendando a meio.—

Sentir-lhe a vida perfumosa, em ondas
Rolando cheia, borbulhando em flôres,
E sob o collo lhe ver a alma aberta
Em seus effluvios, lá nos seus fulgores,
Bello espectaculo! E como todo o riso
São devaneios, são caprichos vagos,
Como os desejos os ondulamentos
De alguma idéa que suspira affagos!...

III

O ceu brilhante dessa plaga hellenica
Sopra a bafagem perfumosa e amena,
E lá dos astros desce o encanto fulgido,
A paz, a calma, a mansidão serena.

E com os enleios de sereia languida,
E com os arroubos de bacchante louca,
Todos os sonhos, palpitantes, tumidos,
Abrem as azas... A amplidão é pouca!

E' da alma a empreza. Que expansões suaves!
Assim Homéro devassara a sorte,
Platão entrava na sortida, às vezes,
Trazendo sempre mais um raio forte.
Aqui da America na agitada arena
Cada um suspiro traz um ceu no fundo,
A cada ideia não sacia um astro,
Que nós sentimos vacillar o mundo.

Sim, nós provamos que o tufão que passa
Traz-nos de longe alguma nova infinda;
Que a flôr aberta á madrugada amavel
Sabe um segredo que não disse ainda.
Voai desejos! aquecei-vos todos
A' luz sagrada deste sol que brilha,
Mas que parece que tambem procura
D'outras grandezas a sonhada trilha.



XXII

A Morte

Feita de sombras, do abysmo
Sahida,—das tempestades,—
Agita o pó das idades
Na face das cathedraes...
Mas solemne, imperturbavel
Nestas legendas a vida
Se embebe na rocha erguida,
Fitando o sol inda mais!

Espectral, gigantesca
Sustenta a mão nas ossadas
De velhas glorias tombadas,
Que outr'ora foram nações.

Magica se ostenta infrene
Da noite negra entendida,
Das phantasmas attendida,
Involta em densos bulcões.

Toma o relampago às nuvens ;
Todos os brilhos celestes
Obumbra com suas vestes
De pó, de treva feral.
Accêso o raio nos astros,
Se attira a louco combate,
De fogo a luva la bate
Nas fauces do temporol.

Quanto se mostra garbosa,
Traçando emblema obscuro
Em monumento seguro
Em trinta seculos de pé!
E como se agita heroica,
Lançando negra façanha
No dorso á altiva montanha!
Quem a repelle?.. quem é?!.

E nota sobre as areias
A marcha que canta o vento
Na palmeira, e o soffrimento,
Que augmenta nos corações.
Apaga o riso da noiva,
Da tulipa, das estrellas.
As garças... tambem vai vê-las!..
Ao genio arranca as festões.

Tanta grandesa obscura,
Astro que bebe negrores,
Espalha em meio aos fulgores
Que a humanidade sustem!
E' uma lucta renhida
Com todo peito onde toca
Almo futuro, que choca
Seu lacerante desdem.

....

Grande, sublime e austera,
Porem viuva de encantos!
Si uns olhos, profundos, santos
De bellesa e de candor,

Que ostentam a alma virente,
Que fallam só de aureos sonhos,
Procura com os seus tristonhos,
Invade-os com o seu negrôr.

Pode dos ceus o semblante
Fazer turvar-se magoado,
Dos astros o manto ornado
Ennegrecer-se de dor ;
Porem nos labios cheirosos,
Aonde o sublime sonha
A scisma doce e risonha,
Não pode beijar da flôr.

Pavorosa e scintillante,
Desgrenhada e pensativa,
E grande, rebelde, altiva
Prostra-se e chora tambem,
Que em seus cabellos tocaram
Os beijos mornos da aragem,
Roçara alguma plumagem
Tecida de ouro e cecem.

De lagrima e de bravura,
De tristesa e atrocidade,
Sua alma soffre saudade,
Tambem sente e pede amor;
Alimenta-se de escolhos,
Mostra seu peito inda virgem
Para occultar a vertigem
Que lhe a[illegible]ra o Senhor. .



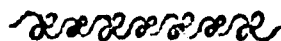


PARTE SEGUNDA

A NATUREZA

Du bist das süsse Feuer,
Das mir am Herzen zehrt;
Lüfte, lüfte den Schleier,
Der nun so lang'mir wehrt!
Lass mich vom ros'gen Munde
Küssen die Seele dir,
Aus meines Busens Grunde
Nimm meine Seele dafür.—

(Emanuel Geibel)



I

A Estrella.

I

O ceu é meigo, a immensidade amena.
Tu, que sabes que Deus é pensativo,
Que o cheiro em seus mysterios è tão vivo,
Dize, bella, porque soluça o mar?
Os passaros dormitam, tudo é mudo.
Tu, que sabes que a gloria nos encanta,
Que a nuvem carregada nos espanta,
Dize—que sente a flôr para chorar?

Podes o seio de celestes sonhos
Encher... E' tão sublime, é tão brilhante!
Um olhar fulguroso ao teu amante
Vai levar mais perfume e mais languor.
Podes bem nessas tranças luminosas
Prender alem uma alma apaixonada,
Do collo tepido na subtil arfada
Deixa-la embriagar-se em santo amor;

Ou n'um languido beijo dar aos astros
A candida volupia, a mais etherea;
Na tua risadinha, a mais siderea,
Mostrar a divindade da paixão.
Pensas—e a natureza mais se expande! —
Scismas—e tudo é bello, é magestoso!
« Só não ha de um anhelo, um som queixoso,
Magoado ir abalar-te o coração.

« Não ha de o doce aroma de um gemido
Do peito te augmentar pura lindeza;
A ternissima aragem da tristeza
A's tuas faces fulgidas não vai. »

Mente a lua, que assim bella se exprime;
Diga a noite os segredos lacrymosos
Que brilham-te nos olhos, tão chorosos
Si em teu casto regaço a sombra cai.

E' assim;—tambem soffres delicada
Em busca de um mysterio que te escapa;
E molha-se de luz a etherea capa,
Que dos hombros fluctua-te no ar,
Com as lagrimas que vertes como sonhos,
Que embriagam d'aqui as almas boas,
Assim teu genio cresce, assim mais voas,
Vais na fronte de Deus tambem chorar...

II

A humanidade pensativa e grande,
Com a fronte curva, decifrando a sombra,
Soletra o enygma que as manhãs apagam,
Que a noite escreve, que o oceano ensombra.
Tudo é mysterio! Que as auroras garrulas
Mudam as letras da questão fatal;
Só as estrellas é que sabem meigas
Fallar da lagrima que tombou no val.

E nessa lida o pensamento absorto,
Palpando espectros, desfazendo a bruma,
Lança do abysmo no agitado pelago
Das almas fortes a brilhante espuma.
E a treva augmenta ! Que de lá dos cimos
Do ceu profundo rompe o temporal ;
Só as estrellas é que sabem meigas
Fallar da lagrima que tombou no val.

Ne intimo augusto das serenas almas
De moças lindas os dourados sonhos
Debuxam flores de saudade e encantos,
Tornam-se os labios divinaes risonhos.
Mas cresce a magoa ! Que os jasmins cheirosos
Nem sempre a face mostram festival ;
Só as estrellas é que sabem meigas
Fallar da lagrima que tombou no val.

Ellas que soffrem, porque sempre brilham ;
Sim... ellas que amam, porque ás vezes choram.
Nos raios louros, quando vão morrendo,
Quanta doçura os corações adoram !

Eis a alva, fogem ! Que sublimes santas,
Vellando o collo puro e divinal !. .
Sò as estrellas é que sabem meigas
Fallar da lagrima qne tombou no val.



II

A Nuvem

Oh! como o ceu está lindo
Trajado de ouro e de azul!
Como oscula a flôr sorrindo
Languida a aragem do sul!
Eis passa a nuvem saudosa,
Levando na aza mimosa
O orvalho dos prantos seus,
Dos mares as santas dores,
Querendo haurir os fulgores
Dessa luz que chamam—Deus.

Quem sabe fallar das magoas
Que a nuvem ousa occultar?
Que diz o rumor das fragoas
Que alem ouviu-se estalar?
Mas do universo a alma accesa,

Perdida em sua grandeza,
Pensa e medita tambem...
Pelos susurros das mattas,
Ao murmurar das cascatas,
As noites aprender vêm.

Rompe um protesto de lavas
A cratera dos volcões;
Dir-se-hiam do abysmo as clavas,
Voando ás constellaçães;
Encontram nessa voragem,
Sublime em sua passagem,
O heroismo do condôr,
Que busca o martyrio fundo
Que vela á face do mundo
A nuvem com seu pallor.

Aquelle athleta nas azas
Carrega enorme escarceu : —
— Dos Andes o genio em brazas,
Blasphemando para o ceu;
Tudo que la nas montanhas

Sente crescer nas entranhas
Mais um impeto voraz
Para gastar o segredo
Que a flôr evita com medo,
Que a tempestade não traz.

Sim, já que o raio não mostra
Si é certo que tudo vê ;
Nas chagas da arvore que prosta
A solidão nada lê;—
Então as aguias se arrojam
A's alturas que despojam
De alguma cousa de lá,
Ou seja um som, um perfume,
Algum suspiro, um queixume,
Quem sabe o que não será?

Mas o que importa, si as almas
Tem céus e nuvens tambem?
Dos peitos nas noutes calmas
Refulgem astros alem...
E' grande ver esse drama,

Que mais cresce se derrama
Si o coração é maior,—
E depois, a natureza
Mostrando a mesma belleza,
Não saber qual é melhor!

E' grande sobre os destroços
Do mysterio, que desceu,
Ver caminhar os colossos
Que o mar da vida escondeu:—
— O Dante e o *Inferno* apagado,
Vendo o *Céu* aniquilado;
E Schakespeare de pé
Do coração do tyranno
Ouvindo o côro in-humano
N'esse eterno *Macbeth!*



III

A Luz

Como bella a manhan no ceu se esmalta!
Da natureza o pensamento ousado
Mais se inflamma e radia. E' a luz, a gloria,
Que mais um nada de illusões derroca,
Nova flôr de belleza aspira e beija.
O abysmo leva a sombra, sua esposa,
E a linda aurora mostra a alma dos seculos
Mais cheia de grandeza e de harmonias.
O ceu falla de encantos que sonhara,
As nuvens são donzellas acordadas
De tranças soltas e de espaduas nuas.
Velho espectro das mattas, a palmeira,

Que mais falla de luctas, lá desperta,
Fitando a immensidade, que lhe acena.
Symbolo da humanidade, combatente
Afastando de punho ensanguentado
As cem garras da morte, ei-la serena
Bebendo a luz! Quanto é sublime o vêl-a
Nessa attitude de gigante austero,
Que sabe do desdem jogar as ondas
Si o tonto temporal lhe atira um raio!
E que? Si os grandes corações se inflammam,
E as almas fortes de fulgor se inundam,
Tudo é vida e amor... As alvas meigas
Se entrelaçam em nós; brincam, suspiram,
Sabem rir e chorar. Sobre a esplanada
Da immensidade sobem para ver-nos;
Nós tamben as amamos;—sim, que, ao vel-as,
Como perfumes de jasmins celestes
Caem-nos na face uns beijos aromaticos.
São de luz e de orvalho! Oh! que são ellas,
Que entram em nossa alma para vêr-lhe a cupola
Celica, esmaltada; mais então voamos
Não como ascétas, suspirando tremulos,

Asphyxiados de sombra e de pavores,
Mas como amantes delirosos, languidos,
Que uns seios beijam de esplendor e rosas...
Alegria! alegria!... Ah!... sim,— é tempo;
Póde a manhan sorrir. Em nossos labios
Queima o roçar da face de almos sonhos,
A louca embriaguez da immensidade.
O ceu é nosso amigo, nos convida
A subir, a voar... dá-nos encantos,
Sabe tambem chamar-nos para ver-nos,
Para ouvir a harmonia magnifica,
Que a alma agitada occulta em seu sacrario.

Sobre o collo polposo da collina,
Onde as flôres sonhavam devaneios
De contos amorosos, onde a rosa
Abria o veu nocturno ao delicado
Jasmin das selvas, e teimosa a lua
Tinha medo de si, fulgindo muito,
Vai o sol magestoso se estendendo!
Alma divina, prodiga de encantos,
De grandezas, de força e maravilhas.

Grande esmoler da natureza absorta,
Sabe espalhar com a luz o enthusiasmo !
Então o homem avança e tambem lucta,
Qual um athleta magico, phantastico,
Pondo a mão sobre o esphynge do universo,
Abrindo da alma as paginas reconditas,
Como quem busca anscioso uma lembrança !
Morde-lhe a força interna. A natureza,
Sua melhor irman, vai ajudal-o.
Raios do pensamento se misturam
Com os fulgidos lampejos abundantes
Que lhe tombam na fronte. E nesse amplexo
Que é a vida commum e a gloria de ambos,
Presente a historia, dama ajoelhada,
Nobre matrona de feições severas,
Que algum novo ruido se approxima : —
—Tombar de astros já velhos, ja opacos,
Rolar de sombras la no immenso pelago,
Pizar do homem, chegando já, sem susto,
Tendo por companheiro um Deus descido...

E que? Si os deuses se enfadaram fulgidos
Das eternas visões de um ceu profundo,

Tudo é gloria e porvir!... As divindades
São amigas de nós ; nascem, fallecem,
Podem dormir, sonhar! Em nosso abysmo
Ha de a revolução tragar altares;
Mas sempre os deuses mostrarão sorrindo
As frontes louras, esquecidas, languidas
Sobre o seio das almas adormidas.
Sim, que la d'onde todos vêm descendo
Viam o collo as santas, que subiram!

O céu desfaz-se em luz. O sol brilhante
Manda calor ás aguias que se atiram
Muito além... muito além, no espaço immenso.
Tudo se expande e sente o surdo abalo,
Que arroja-nos em busca do futuro.
Não sei o que é mais lindo — si uma dhalia,
Aberta de abundancia delicada,
De fervoroso intumescer de encantos,
Onde aos toques da luz sente-se uma alma.
Uma vida mimosa, um sonhar doce ;
Ou se uns olhos de moça, que refulgem,
Com o mesmo brilho que sua alma expande,
Purissimos, celestes, que denotam

Que la dentro nma dhalia desabrocha...
Não sei o que é mais lindo!... Mas que as moças
Amam as flôres como irmans pequenas,
Que se estreitam, se abraçam, se aniquilam
No extase sentimental, que as arrebata—,
Existe a luz do ceu para affirmal-o!



IV

A Sombra

I

A noute vem chegando, é triste o valle,
Recolhida se mostra a natureza;
Agitada, porém, sobre a devêza
Vê-se a sombra tremente fluctuar.
Irrequieta se estende, se dilata,
Levanta-se, caminha, se embaraça
Sobre as franças das arvores, que enfumaça,
Quando tudo se ajoelha para orar...

Impia illustre se arroja das alturas,
Quando o deus sol brilhante se approxima :
Pois elle entra, ella sai, que não vindima
Para em altar de estranhos ir depor.
E revolucionaria triumphante
Vem meditar ao longo das collinas,
Vem da noute orvalhar-se nas neblinas
E saciar-se das flôres ao candor.

Ousada, mas amante, se reclina
N'outro solio, que é seu. Não se dedigna
De lançar-se n'uns braços. E' condigna
De um Gœthe que se esquece alli de pé.
Sobre a fronte do genio louca e muda,
Expectante e profunda se comprime
P'ra ver si algum clarão rompe sublime
Que possa confirmar a sua fé.

Deixa-o passar silencioso, e ausente
De si, bem longe... «Fôra bom tocal-o...
Não é tão grande?—bem quizera amal-o! »
Em seu intimo a lembrança lhe correu.

Vai seguindo-o de lado enternecida .
« Porém seu pensamento é mais ainda;
Deixal-o pois seguir, que a sua vinda
Talvez é o Faust immenso que nasceu. »

A sombra! a sombra! O pensamento, ás vezes,
Sabe contar os seus segredos fundos,
Quando, anhelante, ousado, pelos mundos
Ella embala-o, perfuma-o de illusões.
A sombra! a sombra! Que prodigio é esse
Que podemos contar-lhe e não ás flôres?
A pallidez de languidos amores,
O barathro sem luz dos corações ?

II

Sim,—nós devemos enganar as flôres,
Quando essa nuvem, que pesada vôa,
Leva do peito o suspirar que échoa
N'alma da estrella, que abrilhanta os céus.
Sim, nós devemos enganar as flôres,
Si a vida accêsa, o pensamento ardente,
A idéa extatica, o coração fremente
Busca o quebranto de um sorrir de Deus.

Meigas tolinhas que suspiram, murcham,
Anceios de alma que enlouquece e que ama!...
Mas têm perfume que embriaga e inflamma
As lindas flôres de celeste albor.
Meigas tolinhas que suspiram, murcham,
São mais brilhantes em um roseo seio,
Onde o mais bello pensamento veio
Fulgido, eterno verberar a côr.

Sombra sublime, que o universo guardas,
Que os beijos puros dos ethereos sonhos
Tocam ferventes, festivaes, risonhos,
Ricos adejos que as auroras têm,
Sombra sublime, que o universo guardas,
As nuvens alvas, que serenas passam,
Que occultam genios que de ti se engraçam.
Levam-te as almas a sorrir tambem.



V

A Flôr

E's bella e um tanto vaidosa,
Leviana e um pouco altiva ;
Com esta alma, assim tão viva,
Nunca choraste ?... Sera ?
Duvido ; lá nos desertos,
Onde as auras se pranteiam,
Longos suspiros ondeiam,
Só tua vez não virá ?

Olha, serão só de perolas
Feitos, de accesos brilhantes
Os teus mimos offuscantes,
Ou de lagrimas tambem ?

Dentro do seio sublime,
Cujos sonhos são olôres,
Não chegarão os pallores
E os prantos que a noite tem?

Sei, os passaros celestes,
Quando lhes falha a ternura
Que os seus gorgeios perdura,
Quando lhes morre a paixão,
Em teus labios doces, puros,
Bebem, como em santa origem,
Essa divina vertigem,
Que incendeia o coração.

Si da tua alma de estrophes
Colhesses a mais formosa,
A mais linda, harmoniosa,
Para callar-lhes a dôr,
Si do teu seio de encantos
Tirasses o mais querido,
Aquelle mais parecido
Com teus gracejos de olôr,

Elles podéram na vida
Magoada, triste, sombria,
Derramar toda a alegria
Que uns olhos divinos têm;
Elles podéram na morte
Fazer espalhar o aroma
Que ás tuas faces assoma,
Quando o sol beija-las vem.

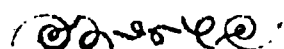
Solemne o teu vulto airoso
Pelas bafagens... Que arfadas!
Por entre garças pasmadas
Agita o sereno odor
Dos teus vestidos, que as auras
Fizeram de gratos sonhos,
De pensamentos risonhos,
De pudicicia e de amor.

Mas o teu seio se agita,
Teu rosto se empallidece;
Talvez tua alma padece,
Treme-te o mimoso rir!...

Querias beijar a fronte
De algum amante vaidoso.
Mas o teu labio cheiroso
Sentiu-lhe a sombra fugir?

Não; de uma virgem travessa
Os beijos são seus fulgores,
Os seus airosos tremores,
Seus beijos são sua luz.
Alma de perfume e sonhos,
Corpo d' alva e diamante,
Que segrêdo palpitante
No teu calix não réluz!

E' dos teus risos o sublime encanto
Fallando, como arcano que o destino
Soube guardar, profundo de esplendores,
Do seio teu no calice divino.



VI

O Fspinho

Tudo tem seu fulgor, sua belleza.
A vida, esse sacrario de ternuras
Pode aqui ou alem ser mais profusa,
Mas nunca deixa orphãos esquecidos.
Tudo tem seu encanto sobre a terra.
Vêde das mattas solitarias, mudas,
A triste serpe, que rasteja o opprobrio,
Tendo na alma a belleza do maldito....
Tambem ella nos prende. Desgraçada,
Que, perdendo a lembrança das grandezas,
Morde o pó das estradas!
Lá dos mares
Vêde a planta arrancada, a pobre misera
Perdida na amplidão do despotismo,
Mas tendo a profundeza do martyrio!

E' que o raio partido das estrellas,
Como a luva cahida de uma santa,
Traz sempre algum perfume delicado,
Bella porção de uma alma que trasborda;
É que a onda de luz, que o sol despede,
Corre limpando a multidão dos miseros.
Essa porção de Ilotas do destino!

Por isso é que da morte o grande abysmo
Pode tambem sorrir com grande enleio,
E' que das maguas a profunda queixa
Pode prender-nos como um devaneio...

.·.

A flôr se enlaça em sonhos delicados,
E o espinho o que faz? Soffre, soluça?
Não! Quem guarda uma bella adormecida.
Escuta-lhe o résonar effluvioso,
Tendo em paga o perfume de seu collo.
E o orvalhoso suor de seu corpinho, —
Pode soffrer, chorar? Fôra loucura!
Espreitar tanto encanto concentrado

N'um botão se entreabrindo, e, inda demente,
Dizer: «a vida é negra, só de lagrimas
Me nutro...» Oh! isso fôra em olhos vividos
De uma creança ler a morte!..
O espinho
Guarda a dignidade da esperança;
Sua bélla talvez o não despreza...
Si um dia a mão travessa de uma joven
Teimar em arranca-la de seu leito,
Ha de luctar primeiro, e só ferida,
Aspirar as fragrancias desse enlevo.
Mas não é este ainda o seu prestigio —
— O de languido saber segre-los della —:
Mas a sorte d' escravo repellido,
Que, vendo a sua rosa desfolhada,
É jogado na areia do caminho!

Por isso é que tyr [illegible] vingativo
Accende a su[illegible] ultrapassa,
É que do pobr[illegible] morde
O pé descalço, [illegible] o triste passa...

VII

O Aroma

I

Quem sabe? A natureza é louca amante,
Tem mysterios na vida embriagada;
Quem sabe? Na sua alma sublimada
Talvez algum segredo immenso ha...
Esses toques de luz com que se adorna,
Esses trajos de azul que tanto arreia,
Não denotam tambem uma alma cheia,
Que tem sêde de encantos, não será?

Tanta fita offuscante, uns veus franjados,
Tanto usurro meigo, impregnante,
Um como requebro flaccido, brilhante...
mais santa expansão do arroubo é!

Lucidos mimos por alem deixados,
A solidão abandonada e tépida,
Um certo vago de altivez intrépida...
Tudo indica na vida inteira fé.

Amoroso desleixo se divisa
Vagando pelas veigas mais floridas,
As aves nas estancias mais sentidas
Languidas garrulando la se vê;
Eis que a tarde vem perto, tudo sonha
Um mimo, um encanto, um ceu que alem vicejam,
Como que uns labios calidos se beijam,
Que uma alma eterna anhela por um—quê!...

O que diz essa aragem que não passa
Sem timida calar-se cautelosa,
Indo adiante tremula, medrosa,
Fallar baixinho ás flóres por ahi?
O que é isto que gosta de abanar-se
Tão vaporoso ao leque das palmeiras,
E tambem murmurar noites inteiras
Ao pé da fronte occulta por alli?

O que espera essa estrella tão vaidosa,
Que está sempre a fitar d'aquelle lado?
Ah! talvez é o seu melhor bordado
Que mostra a natureza hoje;—é assim.
Bem sei : — são as estrellas, que a deslumbram,
Que o seu manto de azul orlam as flôres,
As nuvens do setim são furta-côres,
E a lua é um brilhante n'um jasmim.

II

Mas o que exalça o pensamento languido,
O doce anhelo, o divinal quebranto,
Mas o que enflora tantos sonhos calidos,
Sagra a belleza, e santifica o pranto,
São esses lances em que o seio aberto
N'um desperdicio se deixou vazar
Em puro aroma, sublimal essencia,
Que as lindas flôres faz então brilhar.

Sente-se uma alma deslumbrante, fulgida,
Alva, mimosa, como um céu sereno,
Todo de claro, que se espelha placido
Em mar calmoso, socegado, ameno,

Velada em sonbos, ennevoada em scismas,
Que intimo gozo exuberando vai ! —
São graças louras, amimados risos...
E o doce aroma sublimoso cai.

Alma de grêga, idéalista e lucida,
Que adora o bello n'uma fórma nua,
Que sobre as nuvens visa faces rubidas,
E ama a ternura que lhe mostra a lua,
Alma de grêga, delicada Aspasia,
Juntando aos mimos magoas de Christan,
Quanto é virgineo em vosso collo ameno
Puro perfume de uma vida san!

A vida!...a vida! que esse céu purissimo
Promette limpida, luminosa e clara,
Que em nosso peito, em sua restea alvissima,
Aquella estrella magestosa exara!
São transparencias de um amor contido,
Exuberancias de um fulgor vivaz;
São, natureza, deliciosos cheiros
Que a vossa força dulçurosa traz...



VIII

O Veneno

Vemos: — as raivas guardadas
N'um peito humano, que abalam,
Não se escondem, nem se calam,
Rompendo em blasphemia atroz;
Assim das selvas o odio
Occulto não se disfarça,
Brotando por entre a sarça
Alguma planta feroz.

É que da vida a onda solta,
Distendendo os seus primores,
Recolhe tambem agrôres
Que lhe ardem no coração;

E' que do ceu nos presentes
A's vezes mostra-se um raio...
Que tormento, que desmaio !
Como assusta a solidão !

A natureza sopita
Alguma queixa, abrasada
De polpa a nú, desfraldada
Bem lá no fundo do val ;
Cleopatra, ainda donzella,
A serpe morde-a no seio...
Mas o que ? d'onde é que veio
Essa lembrança lethal ?

A mansenilha protesta.
E' justo. E não é sublime
Esse espectro que se exprime
Pelo veneno ? O que mais ?!
Renegado lá comsigo,
Lançando a sombra assassina,
Como um vomito que mina
Das entranhas sepulcraes !

. . . .

Si a vida humana é superflua,
Si da dôr é um desperdicio,
Stoico, corta esse vicio;
Annibal soube-o fazer,
Quando na mente assentada
Viu passar a sombra escura
Do captiveiro e a alvura
De sua honra esmorecer.

Dignidade, grandeza,
Que a alma cem passos levanta!
A morte austera se espanta
Com tanto brilho... O que sei?
Um jorro de maravilhas,
Que brotam alem dos prantos
E magoas, com seus encantos
Não é sublime?—Dizei.—

IX

~~~~~~~~~

A Aguia

Fallar com as nuvens que só têm segredos,
Fallar com os astros que só têm mysterios,
— Foi sempre, aguia sublime, o teu portento,
Mas dar ás almas fortes novas forças,
Mais anhelos, mais vida, mais grandezas,
Eis teu brilho supremo. Sempre altiva,
Pode nos corações novos abysmos
Cavar terriveis, grandiosos, santos,
Tua vida selvage' impregnada
De etherea embriaguez. De sobre o cimo
Do monte alcantilado, onde repousas,
Nutre o teu pensamento enfastiado
Sêde de ver o sol. Podes fita-lo,
~~~~~~~~~

Podes beber mais brilho, e novos impetos
Sentir teu peito de heroismos cheio.
Sim; dá-nos este exemplo: com fulgores
Nutrir a alma que definha e se aniquila
Tragada do negror que a sorte aninha.
Te insulta a tempestade; e arde a lucta
Em que entras como athleta sobranceiro,
Mostrando na aza o teu problema escripto,
E nas garras o enygma da vida!
O que ha de colera grande, o que ha de nobre,
Tudo isso em que palpita a austeridade,
Apresenta o teu genio indignado.
Limpas a bofetada, que te dera
Mão de sombra, que occulta a immensidade,
Com as ondas de grandeza que vomitas,
Como cheia de raiva e de bravura
Sanha de illustre heroe lhe corre ao punho.
Então, eis que, passada a tempestade,
Surge estupendo o sol que te admira.
Nobre rival, vê-te o condor de longe
E mostra no seu vôo o enthusiasmo
Que elle pode sentir por vêr-te grande.

Illustres testemunhas das alturas,
Sobre o soberbo topo destacadas
Das altivas montanhas, sobre as nuvens,
Bem podendo espreitar o que ellas levam,
Pairam bem alto da miseria humana,
Mirando dos leões enraivecidos
Os sublimes combates, impassiveis.

Sempre affeita a voar aos ceus em busca
De um reflexo inquieto, que te excita
Mais subiste e levaste a alma do Apostolo,
Até que João tremente de loucura,
Mas sedento de sonhos, recuára!
Pousada em Pathmos do teu vôo longiquo,
Poude teu genio allumiar-se extatico
A' luz das sete alampadas da gloria.

Mais forte ainda novo arrojo ousado
Tomou-te o peito e te lançou na arena,
Onde em lucta cruel se debatiam
As grandezas de ao par com a heroicidade.
Prêso o moço de Ajaccio em tuas garras,
Mais quizeste subir; viste as Pyramides

E tomaste o deserto em testemunho
Do teu guerreiro, galopando á frente
Da multidão dos seculos estendidos
Em linha de batalha! Era a revista
Que intentavas passar á eternidade.
E voaste e voaste... O ceu bem calmo
Mostrava a terra estreita para elle;
Quizeste ver o espectro da vida,
Rodeado da noite admirada,
Contemplando os enygmas do futuro,
E deixaste-o no mar.... em Santa Helena!



X

A SERPE

I

Passa, meu condemnado, a tarde é linda,
O ceu é pensativo; para vêr-te
Ei-lo que se illumina; quer fazer-te
Um signal como attento; mas porque?
E' que dás um exemplo magestoso
De galé resignado, indifferente
A's auras, que te embalam docemente,
E á nuvem, que é vaidosa, e que o não crê.

Passa, meu condemnado; a moita é fresca,
Copada e perfumosa; vai, te esconde
Pois, já que tudo exulta, lá por onde
A flôr agreste occulta se retrae.

O mundo folga e ri-se... é magnifico !
Mas tu sereno, impavido te mostras ;
Nunca desces, medroso, nem te prostras...
Estupendo parece quem não cae !

Occulta lá na treva escura e densa
A serpe cala as queixas, e proscrita,
Tranquilla, esquece a colera, que agita
Muita rabida insania do furor.
Vê por entre a folhage' a immensidade ;
Estupefacta tem impetos de ama-la...
Tão pequena que é !... mas como exhala
Tanta desgraça cheia de fulgor !

Gosta da luz, mas comprehende a sombra.
Da altivez é fanatica ; desdenha
A fera, que arrogante se desenha
A seus olhos, frenetica de si.
Miseravel, que soffre a exuberancia
Da desdita cruel ; mas não ostenta
Mentida superfluidade opulenta
Lá de intimo socego... Por ahi —

Pela selva sombria odeia o passaro,
O frivolo que canta e não medita,
E a flôr que se intumesce, e que se agita
A cada rir do vento que passou.
Ignobil, parece uma blasphemia
Da natureza enraivada, a ironia
Que a terra arroja aos ceus! E quem diria
Que fel de genio atroz a formulou?!

II

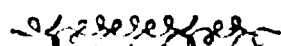
Lá quando o homem era infante ainda,
Quando sentia despontar-lhe a vida,
Como um rebento dessa Mãe eterna —
A natureza virginal, florida, —
Todas as sombras eram seu phantasma,
Todos os raios eram seu algoz;
Satan brotara espectral em chammas,
E a serpe enorme a sua irmã suppoz!

Triste banido das mansões celestes,
Principe negro, qual o teu thesouro?
« Todos os impetos das paixões ferventes,
Todos os prantos das manhãs em chôro!

A alma nutrida do avançar dos seculos,
O peito cheio dos clarões fataes,
Vejo que os homens, renegado o sonho,
Voltam-se mansos, não me odeiam mais! »

Regenerado, a tua irmã levanta,
Muda o estygma que lhe queima a fronte,
Limpa-lhe as manchas que lhe déra a noite
Com a nuvem branda que rasteja o monte.
Si um dia as flôres do sacrario d'alma
Alguma ideia vem-nas mais abrir,
Si lá, despertas como em leito de ouro,
Novo susurro fa-las mais sorrir,

Erro ou loucura — tudo é grande e nobre!
Corrida a pagina, que já está fechada,
Como uma enchente, que de lá trasborda,
Sente-se na alma divinal passada.
Aberto o livro em que o futuro occulto
Traça os problemas que a manhã traduz,
Todos os sonhos se reveem brilhantes;
Erro ou loucura — tudo sangra luz!



XI

A MONTANHA

Sempre dos ventos banhada
Altiva e grande se a vê ;
Uma alma heroica é talhada
Nesse Molde... mas o que ?
A terra tem seus gigantes,
Que se atiram arrogantes,
E a vida querem tragar —
Alem mais forte e mais pura,
Que gostam de vêr na altura
O relampago brotar?

Espectraes — sonhadores,
Sua vida não se esvae ;
Eternos contempladores,
O futuro não lhes cae.

D' ideias, que não se agitam,
De fibras, que só palpitam
Lá quando um Napoleão
Das aguias segue a carreira,
Ou Juarez na cordilheira
Vale uma constellação,

Testemunhas dos prophetas
Ás vezes costumam ser;
Dos deuses com seus athletas,
Das crenças com seu poder.
O Thabor é um sacrario,
O Sinai um corollario
Do ceu na terra de pé.
Os Andes valem a Igreja
Em que a America peleja
Da liberdade na fé.

Assim, quando a dura sorte
Negreja e cresce de mais,
Ha se visto um peito forte
Por sobre as rochas fataes,
Batendo mais agitado,

Tendo o futuro guardado
Dentro em si!... Maior que ha?
As Asturias são Pelayo,
Cinzelado pelo raio,
O Carmelo o que será?

È uma syllaba escura
Que a natureza escreveu.
Nessa montanha perdura
Grande enigma do céu.
Lá, phantastico e sublime,
Vê Pithagoras e exprime
A palavra que possou
Nos labios do *Echo* santo
Com suas letras de espanto,
De mysterios que sonhou.

O abysmo, que volve o bojo,
Lança o fel das maldições
Na face do monte a rojo,
Abalando-o a estremeções.
Tudo, então, desperta os brios,
Deuses accordam... mas frios;

Elias os faz chorar....
Vespasiano espantado,
Bem longe Roma, apressado
Vai tambem sacrificar.



XII

O Abysmo.

Qual uma queixa, que suspira ao longe,
De monstro eterno de fereza e noite,
Immenso inspirador das sombras densas,
Além referve o abysmo; — que os queixumes
Que a dor da solidão exhala — quentes
Vão bater-lhe na face. Velho martyr,
Todas as expressões as mais sentidas
Que o mar forte accentúa e a terra exprime,
Os flagellos que arroja a natureza
Vão bater-lhe no peito. Rouco e fundo,
Ninguem o comprehende! Deus é mudo,
As auras galhofeiras são bem frivolas
Para dar-lhe um sorriso. Uma palavva
Da nuvem côr de rosa é para as flôres,
Meigas tolas que sonham, mas que murcham !
Só o homem o soletra e dá-lhe força,

Força que parte d'alma, esse outro abysmo,
Brota do coração, esse mysterio.
E' o raio da ideia que interpella
Tempestade do ser renhida e forte,
Lançando-lhe na face a onda do espirito!

Lá na vasta extensão da immensidade
O formidavel braço, o punho negro
Do tempo, monge eterno, lança o monstro,
Essa hydra de sombra que se augmenta,
Ao passo que mais cresce a natureza.
Nas garras de negror, que cercam nuvens,
Do ceu sustenta os estrellados paços,
Fabrica enorme de chrystal brilhante
Que o homem forte contempla ha cem mil annos.
Os pés calcados sobre o chão do nada,
Cabeça erguida além do espaço mudo,
A sua alma é batida pelos ventos,
Que nascem das alturas. Quantos raios,
Que o condemnado exhalador das nuvens
Vomita de seu peito esbrazeado,
Não lhe tocam na fronte, — oscura plaga

Que circumda dos mundos a grandeza,
Onde se inscreve aquelle immenso circulo
Que Deus traça do ser com o mappa ardente!
Como vasto estaleiro levantado
No solo, cuja relva são estrellas,
Onde trabalham cem milhões de forças
Nesse grande navio—a natureza—,
Que tem mastros perdidos nas espheras,
Tocando no embryão do ser futuro,
Perenne, destendido—o abysmo trôa!

———

Alma do homem, que escutas o ruido
Que os pensamentos todos apressados
Profundos accentuam,—tu, que entendes
Toda a vaga expressão desabrochada,
Oh!.. toma-lhe da bocca o hierogliphico,
E faze-o derramar os seus prodigios
Na face á divindade estupefacta!
Na barba, que soluça em nosso rosto,
Saibamos apanhar tanto gemido,
Tanta inquietude que nos bate á porta,
Porta do coração, templo de magoas,
Que a cabeça contempla e não entende.

Erga-se a humanidade pensativa,
Espectro santo e crente que medita,
Firmada nesta sombra estremecida,
Grande incognita suprema, que é abalada,
Por todo sonhador nervoso, pallido,
E por Deus,que se occulta nesse manto.



VIII

À Terra.

I

A terra!.. Em face della a prece é pouco,
Tanto essa mãi sagrada é grandiosa!
Só uma estrella languida, mimosa,
Póde, vertida em cantos, a saudar.
Negra e profunda, amamentando a vida,
Bebe os raios do sol, que na illuminam;
À' Vesta os seios calidos ensinam,
Meio abertos, o modo de os beijar.

Filha da luz, enternecida ainda,
Oh! si lembra-se do homem quando infante,
Odiando o temporal, moço gigante—
A sua ossada enorme lhe entregou.

Dentro, no corpo amado, é uma reliquia
Que ella sabe guardar... Narra aos espaços,
Contando aos ceus azues, que nos seus braços
A alma humana infantil acalentou.

Ao perfume balsamico das flôres,
E das auras ao tepido respiro,
Brilhando o céu, das aguas ao suspiro,
Um dia em seu sacrario um Deus sorriu.
Primogenito do homem, das estrellas,
Das nuvens, seu tambem; que soube amal-o...
Que poema scintillou para adoral-o,
Que nota nesse côro então se ouviu!

A natureza e as almas agitava
O suave frescor da mocidade;
Sabia juvenil a divindade
Sobre um collo de grega adormecer.
E' intimo o segredo dos destinos!
A terra alcatifada e perfumosa
Fazia a flôr em sonho, a moça em rosa,
Do christal de uma ideia um Deus nascer!

Vasta herdeira de imperios esquecidos
Atraz do tempo rapido, no escuro
Que elle deixa na busca do futuro,
Anciau, testemunha das nações,
Que glorias! Quanto sol sob o seu manto!
De tremulas palmeiras sob o leque
Como Thebas sonhava e amou Balbek?
Como a vida estreara os corações?

Viu-as lindas, sorrindo embriagadas
Aos effluvios cheirosos das auroras,
Festivas, deslumbrantes... Nessas horas
Quanta rosa nos peitos a se abrir!...
Cem cidades, em fulgido concerto,
Do seu collar as perolas!... nos seios
Após um sonho, em fervidos enleios,
Soltas lhe rolam todas a cahir....

II

E os seculos avançam; veloz a carreira,
Caminhos longinquos... E que alma a primeira

Sentiu pelas fibras no seu perpassar
A sêde, os anhelos de um ceu que se ausenta?
Que beijos sentidos! A marcha se augmenta,
Passada a miragem, não poude chegar.

Não poude!.. Quem disse? Si ideias aladas.
Que longe revoam das frontes pasmadas.
De luz e de glorias a vida teceu.
Que sonhos mentidos! Cahidas lembranças
De uns cheiros divinos, das nevoas as tranças...
Mais nada,—prophetas,—a sombra cresceu!

A sombra!.. Mentira!..—que os astros scintillam.
E as roupas de gala das nuvens rutillam,
as auras mimosas esperam alguem.
São tudo chiméras! E' como dos mares
A vida chorosa, buscando os olhares
De estrellas amantes,—e as louras não vêm.

E os seculos caminham;—depressa estam longe:
E o tempo vestido de andrajos de monge
Não conta as feridas que o homem sentiu
Atraz de phantasmas! E a terra esquecida,
A terra dos crentes, a terra da vida,—
Que a todas as magoas seus braços abriu.

XIV

O Mar

Dizer-te o que? E's tão grande!
Fallar-te como? Não sei;
Impetuosa se expande
Tua vida; com que lei?
Aquelles que as tempestades,
Essas feras magestades,
Um dia viram surgir
Do teu seio marulhoso,
Como um protesto pasmoso,
Para fazel-os subir;

E todos que um dia audazes,
O pensamento a romper,

Julgaram-se bons, capazes
De a ti só deixa-lo ver;
Esses que entendem as trevas,
Que sabem quanto tu levas
Para os abysmos de lá,
Porque a formula não traçam
Das profundezas que abraçam
Nos segredos que em ti ha?

Como profundos scintillam
Escriptos os teus padrões!
E nelles como rutillam
De Colombo os galeões?
Como a fecunda grandeza,
Que largada na estreiteza,
Que a terra apertava em si;
De genio e do azul das vagas
Amalgamou novas plagas,
Deixando a America ali!

Que arrancos e que onda brava,
E Demosthenes fallou!

O fundo pego escumava,
E Jesus então passou !
São jorros que purificam
As nodoas, que nullificam
D'alma humana a limpidez ;
Ao grêgo a palavra dada,
A crença ao hebreu firmada
São tua santa altivez.

Tudo se agita e se attesta,
Sente a sêde de crescer ;
E' da vida a grande festa,
Do futuro o alvorecer.
E nessa justa o destino
Não tem mais gladio divino,
Mas tem perfumes a flor ;
Os astros jogam fulgores,
A tarde lança os pallores
E as almas o seu amor.

Todos queimam-se nas brasas
Que os seios do amor contêm ;
Todos sentem-se com azas
Atraz da gloria e do bem :

O homem tem o orgulho,
Esse profundo marulho
Que tenta invadir os ceus;
Pego sinistro da ideia,
Quando referve incendeia
As crenças e os mythos seus!

A humanidade anhelante
Calca as sombras do porvir,
Apronta a nevoa distante
Fa-la mudar-se e sorrir.
O brilho dos peitos nobres,
Banhando a face dos pobres,
Esclarece a escravidão;
O captivo sente a aragem
Da liberdade, bafagem
Que lhe augmenta o coração.

Quanta cidade pasmada
Te mostra as galas que tem!
E como a aurora banhada
Nas tuas aguas não vem?

Mergulham-se as esperanças
De cem povos nas lembranças
Que o teu sussurro lhes dá;
Onde houver um vão lamento,
Tua alma que vôe no vento,
Tua grandeza que vá.

E tanto as aguias remontam
Para beber nova luz,
Os pensamentos despontam
Da cabeça que reluz
Para gastar os problemas
Da noite, os ferreos emblemas
Que a mão da morte traçou,
Assim o teu forte brado
Mostra ao mundo despertado
Que um novo dia raiou!



XV



A Moça.

E' bello admirar o pensamento
Que os teus olhos azues grandes resumem ;
Uma estrella, uma flôr, virgens serenas,—
Não têm tantas ideias que as perfumem.

E' bello nesses teus cabellos louros
Pegar os sonhos meigos, que esvoaçam ;
No teu collo colher celestes scismas,
Que, tocadas por Deus, sobre elle passam !



XVI



A Camelia.

Ensina-me a crescer... E' muito grande
Esse livro que chamam — coração ; —
Nas paginas lhe pesam cem mysterios,
Não posso com este ceu preso na mão.

Ensina-me a crescer... Dà-me do calix
A luz em que Deus poz a sua côr;
Vou ver si em minha fronte cabe a gloria,
Si dos sonhos brilhantes colho a flôr.



XVII

A MATTA

Solitaria e sombria! Alguma cousa
De concentrado e grande se revela
Lá no intimo seu. Arvores immensas,
Como um resto de antiga magestade,
O aspecto mostram de gigantes feros,
Que, cançados de lucta porfiada,
Uns dos outros distantes se distacam,
Mas impavidas de pé fitam-se ainda.

Solitaria e sombria! Escuta as ondas
Do vento marulhoso, em suas franças,
Passando irrequieto. Se diria
Que a matta, curiosa do destino,
Pede noticia ao vento, e o galhofeiro
Transeunte do mundo não lh' a trouxe;
Que ella deixa-o passar e muda fica!

Dentro, em seu coração, a sombra é sua,
Faz-lhe parte da vida; — é um pensamento
Continuo desfraldado em attitude
De abraçar a immensidade E o silencio,
Muda espectação, o ar de mysterio
Tremulo vagando pelas costas nuas
Dos troncos, como enigma da sorte,
E' um desses lances em que a força, a vida
Arroja a inquietitude. Nobre despota,
Prende as almas n'um extase fugace,
Que passa e que nos deixa a realidade,
Quando um passaro lindo, canta e vôa...
Que susurro divino, que delicias
Nesse acordar de rapido deliquio!
E' o espirito nas selvas taciturnas
Aquelle canto magico que passa.

E mais se estende, alonga-se, escurece
A matta que á porfia o chão conquista.
Altas cupolas de verde-negro, alçadas
Sobre os troncos robustos, se entrelaçam
E vão formando a abobada suprema
Desse templo sem fim. As lindas flôres

Aqui, além desenham-lhe o tapete ;
A arage' effluviosa passa e corre,
Levando o brando incenso das corollas
Para o ninho das aves.
Lá se adora !
A luz se infiltra mansa e caprichosa ;
Illumina-se o vasto tabernaculo,
Porém de um clarão rapido, mortace.
— Tudo mostra o semblante ameno e serio

Mas ali tambem ha seus dias asperos,
Quando agitada a natureza arroja
As franjas de um veu negro nos espaços.
Andam as nuvens pesarosas, tumidas ;
Eis que a selva estremece, o tufão muge,
Irrequietas as ramas soluçando
Curvam-se ; — o ar se côa lacrimoso
Pelo philtro da magoa tremulante...

E' a hora das profundas agonias.
A matta anhela ; — talvez sua esperança
E' dar-se em sacrificio. Pouco tarda, —
Escuta-se o ruido pavoroso
Do cruel sacerdote — a tempestade !



XVIII



O Pampa.

I

Mudo, mudo estendido quem descança
Coberto com o pavor das solitudes,
Na face esverdiada inquietudes
Ligeiras lhe passando em multidão?
Mudo, mudo, quem sonha estrebuchando
E parece temer do vento as iras?
Triste pampa alquebrado, que suspiras,
Pagem do vendaval, és tu, —peão!

Sobraçando o deserto ennegrecido
Teu corpo vérga ao pezo que te opprime
Calado! Tua colera se exprime
Si esbraveja possesso o temporal.

E' que então, fustigado e repellido,
Fazes ouvir o susurrar profundo,
Surdo, terrivel que faria um mundo,
Que ralasse o seu dorso em-celio val.

Ruido carregado de travores,
Mugido tenebroso o desse mudo!
Insultos, arquejante tu, sanhudo,
Attiras no pampeiro a estremecer.
As chuvas carregadas jorram lanças
No teu corpo agitado, nessa onda
Destendida, espraiada... E o raio sonda
Teu genio soterrado a referver.

E quando já cançado o soffrimento
Entranha-se na chaga mais dorida,
E quando a dor já funda é mais sentida,
A colera levantada ao punho vai;
E prêso o furacão por suas garras
Açoitas a amplidão que treme e chora.
Teu braço carregado mais labora,
Ao passo que ella foge. O braço cae

Si da fronte essas rugas que te queimam
A' força de vencer rapido apagas,
E em teu peito valente, —forte esmagas
A nortada vehemente que passou.
Então as divindades más escutam.
O teu devaneiar, féro gigante,
E as tempestades ousam ver o guante,
Que tantas valentias derribou.

II

A immensidade tão ruidosa e bella,
Virgem que adora, que suspira e sonha,
Molhando os labios na volupia ardente,
Meiga, agitada, divinal, risonha,
Mostrando o collo de brilhante e de ouro,
Desata as fitas do seu manto azul.
E o pampa triste, meditando sombras,
Com o peito aberto aos vendavaes do sul.

Moça vaidosa, que os cabellos soltos
Atira aos mundos abysmados, tremulos,
Com os olhos languidos, que o ideial encerram.
Da luz, da gloria, dos encantos emulos,

Muda os vestidos, namorando os astros,
Desata as fitas do seu manto azul.
E o pampa triste, meditando sombras,
Com o peito aberto aos vendavaes do sul

E os pensamentos lhe ceciam calidos
Amor e scismas... Affagosa queixa!
Blandicias santas, divinaes ternuras,
Gamma encantada de celeste endeixa....
O seio arfando, o coração se inunda,
Sublima arroubos que o mysterio vê.
E o pampa mudo, desfolhando a vida,
Palpa os abysmos, nos infernos crê.

Bella, tão bella, que as paixões desprend
Loucas, terriveis, implacaveis... Morte,
Que n'alma aberta em nossos sonhos côa
Philtro por philtro a negridão da sorte.—
Nuas espaduas, lindos pés descalços,
Sublima arroubos que o mysterio vê.
E o pampa mudo, desfolhando a vida.
Palpa os abysmos, nos infernos crê.



XIX



A MANHÃ

A noite passa... e desse lago immenso
A sombra foge e pelo ar fluctua,
Como donzella que sahiu das aguas,
Correndo tremula e agitada e nua.

A noite passa... e que nos diz a sombra
Que vaga e muda pelo céu se escoa?
Como de uns sonhos de jasmins ethereos
Narra um dialogo, que apressado voa:

— Tenho n'alma uma clarão que não viste
Vou mostrar-te uma petala de mais.
— O meu peito brilhante de magoas
Como orvalho só bebe os meus. ais

—Olha, bella, no seio das luzes
O amor tambem aureo brotou.
—São tristezas que ás luzes revoam,
Saibo amargo em seus labios travou.

— E' um encanto que invade o seu brilho,
Mais fulgor esse encanto accendeu.
—Não! amar é sentir uns perfumes,
E um gemido que n'alma doeu.

—Ah! não digas! um sonho é ventura;
Quanta garça nos ares voou!
—Qual?! Nas ondas, correndo velozes,
Um tormento de mais me chegou.

—Harmonias! Subamos aos astros,
Das estrellas suguemos o mel.
— Não ha favos, que abelhas não moram
Onde as flores têm gosto de fel.

II

Mas eis chega a manhan... tudo radia
As ideias se alargam mais ainda
Para prender nas fibras transparentes
A sorte, a vida, o mundo, a gloria infinda.

Mas eis chega a manhan... e a onda cresce
Para arrojar mais fortes as grandezas;
E as auras descuidosas vão ouvindo
O monologo suave das devezas : —

— Sonhos ! sonhos !... Amor é bonança,
Que se entorna nos mares da vida ;
Por um beijo é que as nuvens suspiram,
E' que a dhalia se mostra sentida.

Surja o gôzo, os prazeres despontem,
Que, acordando, os vergeis embalsamam
Onde os risos susurram sonoros,
E aos effluvios das flores se enramam.

E que risos ! E o que é que nos lembram ?
Que blandicias que trazem segredos !
São as petalas dos astros mimosos
Desfolhadas d'aurora entre os dêdos.

E' mais bella que um canto de estrellas,
Que sublimes relembram amores,
Nossa vida que finda em abraços,
Esta sêde que estancam olôres.

Sim!— um céu que suspira e que sonha,
Essa nuvem que é um devaneio
São ternuras que Deus manda ás auras,
Rubros labios das rosas no seio.

III

Assim é que esta vida, em santo abraço,
Loura a face das moças à das flores
Ajunta como irmãs;
Por isto é que este céu vale o regaço
Em que o sorte se enlaça de esplendores
Nas eternas manhans.



XX

— —

A NOITE

O céu cheio de amor e apaixonado
Traja de preto n'um sarau de estrellas.
Por entre estas vaidosas, que desdenha,
Elle vai escutar as harmonias
Quo, da lua no seio prepassando,
Por ella meiga são no ar lançadas.
A noite são aquellas harmonias
Uma a uma no peito desse amante
Infiltrando as saudades. Uma a uma
Em sua alma de poeta transformadas
Em perfumes de flôr. Quanta tristeza
Feita de insenso e encantos não trescalla
Seu coração, — immenso ramalhete
Em que entram astros, onde Deus se estampa!
A noite!... E' o manto perfumoso e santo
Que segreda mysterios ineffaveis

Dos seios das donzellas. São as sombras,
Lhes vendo os corpos de jasmins e rosas,
Passando tremulas pelos seus cabellos.
Tudo o que ha de mais languido e divino
N'uns olhos virgens de visões celestes,
De mais encantador n'uns labios doces
De bella e pallida moça, de mais candido
Em faces que retractam magnolias,
Tudo aquillo ama a noite, e comprehende
Esse immenso susurro inebriante
D' azas brancas, de beijos, e de scismas,
De segredos, e sonhos que se chocam!
E' quando os pensamentos esvoaçam
Atraz dos sons ethereos... Sim!... é quando
Toda a luz se recolhe enternecida,
E o beijo da saudade deposita
Na fronte ao ceu azul.

Alma que soffre
Peito cheio de glorias e perfumes,
Mas agitando um mundo em cada abalo,
Em cada susto o estremecer das flôres,
Fronte batida pelo mar da sorte,

Genio que asyla a immensidade inteira,
Là vai a sonhadora dos amores
Velada pela sombra, esse mysterio
Que a noite, sua irmã, lhe empresta a mêdo.
E' joven pallida pelo amor ferida,
Que se occulta no manto do segrêdo.
E vai pedir ao lago mais tristeza,
A' lua mais saudade, ao céu mais dôres...
Tão bella e pensativa! Arroja aos astros
Sua idéa celeste e lacrimosa;
Escuta o susurrar de auras descidas
Para do seio admirar-lhe a alvura.
Tão bella e pensativa! Attira ás ondas
Sua alma de sacrificios e fulgores,
Ouve as queixas do lago solitario,
E espalha sobre as aguas mais mysterios: —

« Adeus! São d'alma as derradeiras petalas
Cahidas hoje sobre a tua mão...
Adeus!..São aves que se beijam timidas...
Queixas que as garças soluçando vão...

E eu quero as sombras que meditam languidas
Para escuta-las sobre o peito meu;

Quero os encantos de uma tua lagrima
Colhida ardente sobre o rosto teu.

Vejo que as nuvens não me fitam rindo,
Que o céu sereno sente alguma dôr;
E' que os teus labios tremem como as azas
De um genio ethereo sobre rubra flôr.

Vejo que a rosa empallidece triste,
Que o lyrio a fronte pende tanto..—e cai;
E' que os teus olhos se humedecem santos,
Que a tua face descorando vai.

Adeus! E' a onda que sacode a morte
E que a saudade desgrenhada traz....
Adeus!... E' um sonho que perdeu o aroma,
E que um poema de agonias faz... »

Fallas do coração! Ah! quanto é puro
Conta-las, sim, á noite ennegrecida!
Quanto é sublime ouvi-las acordando
Os prantos, os queixumes adormidos
N'alma da natureza embriagada:
Scismas, queixas, ternuras e meiguices,

Oh! tudo quanto a noite comprehende,
E as donzellas com lagrimas abrandam.!...

Bem parece escutar-se a magua doce
De algum crente amoroso que suspira:

« Beijar-te a face?... para que?.. Minha alma
Ouve as censuras que murmura a flôr;
Mas os teus olhos me dão mais tristezas,
E os teus cabellos me dão mais olôr....

Sei, — não te vagam nos cabellos louros
Maguas de genios que te chamem sua;
Bem póde terna e amorosa e meiga
Vèr-te osmyster.os solitaria a lua. —

Ha muito abysmo neste ceu profundo,
Muita harmonia em tua bocca linda;
Si a aragem branda te conhece, virgem,
O sol brilhante não beijou-te ainda.

Bem longe os sonhos. Para que mais prantos
Sobre a corollas virginaes e puras?!
Mas minhas lagrimas te dão mais encantos
E os meus suspiros te dão mais ternuras... —

Candida e bella, immaculada e santa...
Que importa essa ave que chorou por ti?
Tambem as rôlas têm os seus quebrantos...
Ouves a moita soluçando ali?

Sim; adorar-te fôra grande e bello!
Meu peito ardente occultaria a estrella,
Que estremecesse, para que teus olhos
Languidos, humidos não podessem vê-la.

Não!.. não quizera! Como a noite é triste!
Nem este bosque nos occulta o mêdo;
Mas os teus labios de perfume e rosas,
Mas a tua alma sabe o meu segredo!»

XXI

O Vergel.

I

Serena corre a bafagem;
Suaves, como o suspiro
Que sae do ameno retiro
De um peito cheio de flôr,
Derrama alli uns arrulhos
A natureza amorosa,
Fluctuante, descuidosa,
Toda de graça e condôr.

Bem lá, bem junto das folhas
Espalha o cheiro, a frescura
De um pensamento de alvura,
Que morno das auras cae,
A exuberancia da vida
Vasada nessa torrente
Em que a rosa docemente
Em scisma e sonho se esvae.

Ao som de muita meiguice,
Ao trinar do passarinho,
A ideia vôa do ninho.—
Que gôzo! que ondulações!
Sentem-se as gottas mellifluas
Que as notas deixam esparsas
Por sobre o collo das garças,
No fundo dos corações.

Bem abertos, scintillantes
Vêem-se uns olhos na alfombra,
Namoradores da sombra,
Elles, tão feitos de luz!
São flôres... ah! não sorprendas
O doce languor, o encanto
Calido, fervido, santo
Que os nossos beijos seduz.

II

As arvores frondosas se balouçam.
E que auras podem ir lá que não ouçam
As tremulas canções,

Alternando com o som de harpas ethereas
Das aves as melodicas, aereas,
As sans modulações?

Como que um riso eterno se mistura
Ao mimo, á amabilissima ternura
De uma alma a revelar
Uns thesouros guardados... ella occulta
Atraz do pensamento, que na exulta,
Que lá não ha chorar.

III

Os labios bem doces, doçura de favos
Que deixam aggravos
De bons,
Das rosas beijadas, que mimos que trazem,
Que encantos que fazem,
Que sons!

Si uns olhos amenos, saudosos, bonitos
Se furtam afflictos
Do mar,
Por lá espraiados, perdidos, se esquecem
Da vida, fallecem
De amar.

Por lá nossas festas das aves se enlaçam
Ao canto, se abraçam
A rir
Aos meigos sonidos, aos tenues gorgeios
Tombados dos seios
A abrir...

As flôres suspiram, as petalas se odoram,
As graças se enfloram
De amor,
Nos seios das bellas fervores celestes,
Das nuvens nas vestes
Olôr.

Orvalhos de sonhos que valem ternuras,
Que dizem venturas
Dos céus... !
As dhalias são almas de moças cheirosas,
Divinas, mimosas
Meu Deus !..

E soluçam. Que doces queixumes!
Si o seu cheiro nas auras se esvae,
Outros sonhos se entornam nas flôres,
Outros labios nos dizem : —amai! —

Susurros, gracejos, sonoras risadas...
Que peito foi esse que tanto se abriu?
Espalham-se as ondas de graças sonhadas,
Bocejos, suspiros..—quem foi que os sentiu?

Sorrisos, arroubos, que passam depressa,
Que fogem, que morrem, que voltam demais...
Assim! que a abundancia não muda, não cessa
De nossas bellezas, que nunca tombais.

São horas, vagando por sobre as fragrancias
Que os cheiros agrestes derramam no ar
Atraz de carinhos, em busca das ancias
Das rôlas implumes, que tentam voar.

São horas alegres, travessas, ruidosas;
Revelam segredos... Que foi que se deu?
Descobrem-se as fórmas não vistas, mimosas
D'aquella moçoila que a abelha mordeu...

IV

E' a candina espadua que se mostra
De menina, correndo atraz de mel;
Apparição de um sonho delirante,
Derramando mais luz sobre o vergel.



XXII



A solidão

Os troncos êrmos na planicie vasta,
Muito raros, ao longe lá se avistam:
Os troncos êrmos no deserto longo,
Como sombras paradas que meditam,
São tristes. Como espectros que ficaram
Attentos á solidão, deixando os outros
Irem nas mattas altear seu vulto,
São fecundos de mais; elles que sabem
Como o vento galopa nas areias.
São fecundos de mais; elles que podem,
La quando anciosa a tarde se aproxima,
No vago de um pensamento quasi mudo,
Quasi perdido dentre as amarguras,
Dar o sentido da grandeza austera.

Ali? Sim, o deserto... A terra é nua,
Calado o ar e o céu... o céu sombrio.
Os passaros fugiram para as veigas,
E a flor foi balouçar-se ao som da aragem
A' borda das torrentes. No abandono,
Se mostra a natureza desvairada.
Como escarneo sublime de uma louca,
Solta a aguia voraz o vôo soberbo,
Escutando aos leões ranger os dentes.
E, no impeto da colera guardada,
As areias queimadas apresentam,
No pino o meio dia, a imagem muda
Da amargura sinistra. Nada ri-se!
Todas as garrulices deleitosas,
Que embriagam no ar as almas bôas,
Os cochichos saudosos não se escutam.

A sós a enormidade do silencio
Nos assalta, e nos prende e nos transporta.
E' um deliquio? Não; a realidade
Sabe pezar-nos n'aza, mas deixando
Possivel sempre o devassar da sombra.

Enfastiada e sósinha,
A tua vida é mesquinha
Di-lo o mundo, e eu digo: não!
Pois que tu da amarga sorte
Ganhaste os premios da morte,
E os luctos da creação.

Sim; comprehendo as grandezas
Que se nutrem de asperezas;
E' nobre o abandono teu.
N'essa attitude chorosa,
Tua face pezarosa,
Teu silencio é um trophéu.

E dizcs: « eu sei que a aurora
De riso e gallas se enflora,
De tanta graça louçan...
E que ha nas gottas do orvalho,
Das rosas no tenro galho,
Muito amor, muita manhan!

E dizes: « — eu sei que os mares
Escutam lá pelos ares
A melodïa voar!

Sonorosa, deslisante
Com sorrisos de amante,
Que não se cança de amar!— »

Não importa. Foi diante
Do desamparo que o Dante
O profundo céu abriu;
E o Fausto auscultando a vida,
Da natureza a partida
Para os futuros sentiu.

Gerado o deserto na alma,
E' que então floresce a palma,
Que os nossos sonhos produz,
Lá d'onde voam as aves,
Cujos gorgeios suaves
Fallam gloria, cantam luz.

E' a divindade distante,
Buscando um beijo de amante,
Que nos pede o coração
Por um thesouro perdido,
Pelo seu sceptro cahido
Nas trevas da solidão!



EPILOGO

Je cherche, ò nature,
La parole obscure
Que le vent murmure,
Que l'étoile écrit!
(VICTOR HUGO.)

« Thou who hast wooed and hast possest,
My lover, answer, which was best,
The Star's beam or the Woman's breast? »
« I miss from heaven, the man replied,
A light that drew my spirit to it. »
And to the man the woman sighed:
« I miss from earth a poet! »
(ROBERT LORD LYTTON.)

I

O INFINITO

Alem, bem longe, quanto a noite é santa!
La nas alturas como o céu encanta!
A vida é um fulgor.
Inda mais longe, n'aza da bravura,
Batendo o coração, — a morte é pura,
A gloria é meigo amor.

Aventuras, sim, e porque não tê-las
A ideia que demais precisa vê-las
Nas grandezas tambem?
A cabeça valente o raio lança
Atraz do cêrvo indomito que avança
Nas solidões, alem.

E' por certo um denodo o de elevar-se
A scentelha do peito a entrelaçar-se
No rapido clarão,
Que, no bico das aguias do infinito,
Não foi sentido, ainda não foi dito
A' luz do coração.

A palavra prophetica estremece
Do limpo das espheras o som desce,
A belleza vem lá.
Quem, nas fibras da vida se asylando,
Tem uns restos divinos vai voando,
Bem longe chegará.

Na mente humana os fervidos olhares
Que as estrellas celestes lá dos ares
Tem sabido escoar,
Na mente humana os languidos gemidos
Como enlevam nas auras transmittidos,
Podendo nos tocar!

Mas tambem loura a flamma traz — com sigo
As fumaças que occultam o perigo
Da vertigem fallaz;
Lá sobe o engano ao lar dos denodados,
Atrevidos, que tocam nos brocados
Das nuvens... Que mal faz?!



II

O NADA

Elle não vive a sós; sempre palpita
Por alguem.
Si não sabe morrer, tambem se agita:
Mas por quem?...
Ha muito encanto nesta vida amavel,
O céu diz;

Da terra muita flôr admiravel
No tapiz...
Pode amar, não duvido,—a sorte é esta,
Quem não vê?
Parece que voamos sempre á sesta;
Tudo o crê.
Tremulo e cauteloso, elle é profundo,
Que bem viu—
Onde encravou-se o pedestal do mundo...
Não sorriu.
Desconfiado, intrepido, implacavel,
E' fatal.

Ironico—, elle sabe imperturbavel
Fazer mal...
Não! Companheiro impavido da vida,
Sua vez—
Ha de vir— de agastar-se desta lida!
Sim; talvez...



NOTAS

NOTAS

Pag . . . . 4 VI

« .... que todos conhecem, menos certa classe de litteratos.... »

Não se faz mistér grande despeza de considerações para provar o estado lastimavel de insciencia de alguns lettrados, aliás de nomeada, no Brazil. O jornalismo e as conferencias ahi estão para attesta-lo a qualquer espirito algum pouco intelligente e imparcial. — Ahi andam as commanditas de *elogio mutuo*, com sua séde principal no Rio de Janeiro, sempre prestes a tomar o thuribulo logo que se trata de qualquer frioleira por alguns dos associados lançada á circulação.

Ha muitos annos que a pobre litteratura brazileira não assiste ao espectaculo de uma só ideia aproveitavel sendo discutida e acatada, e produzindo os fructos a que tem direito incontestavel uma ideia elevada.—Vive, entretanto diariamente a repisar cançadas caduquices, e, o que é mais apropriado para caracterisa-la, a repellir, como heterodoxo e inacceitavel, qualquer tentamen de insubordinação contra seus preceitos acanhados.

O escriptor d'estas linhas tem em sua humilde individualidade uma prova exuberante desse facto anorma, em qualquer sociedade algum tanto culta. É este o primeiro livro que publica, mas não é esta a primeira vez que trabalha na imprensa. Ha oito annos que no jornalismo do Recife se tem empenhado constantemente em de-

bates itterarios, todos tendentes, na medida de suas forças, a um melhoramento das idéas que alli vigoram, idéas estreitas, ainda que não mais do que as de outros centros intellectuaes do Imperio. Pois bem; elle ha possuido sempre a honra de ser apresentado como uma especie de reprobo litterario que não pode contar com um assento no cenaculo das illustrações da patria. Este logar elle o agradece, e julgar-se-hia contrariado em seu modo de apreciar as notabilidades compatricias si fosse um dia considerado por alguns individuos que, desde muito, averbou de incompetentes para julgar qualquer espirito que não traja como elles.

« Para medir um gigante, dizia Proudhon, fallando de Lamennais, é preciso muito pouco, basta uma toêsa. » A intelligencia desabusada do socialista francez referia-se entretanto a um gigante, pois tinha em sua frente Lamennais! E o que diremos nós outros que temos diante homens de estatura minima como alguns poucos que seria facil apontar?

O crime do autor ha sido faltar com o respeito a umas ideias franzinas que lhe quizeram sempre impor como grandezas! Foi e será sempre rebelde ao culto dos *numes* litterarios de nossa terra; mas a culpa não é sua, é dos *evitas* do *altar*: sempre que entrava no templo achava-o ás escuras!

Nunca lhe faltaram por isso os apodos de toda a sorte; mas que serviram sómente para melhor indicar-lhe qual o caminho que deve trilhar entre a moderna geração nacional. Sua crença é esta: havemos mistér de espiritos resolutos e emmancipados que alcem o brado de revolta

na ordem litteraria, e á busca de ideias suas, de principios mais fecundos, quebrando o busto dos falsos idolos, regenerem-nos pelo pensamento.

Sua linguagem é sincera, e a fórma franca que a reveste é uma necessidade de defesa.

A aggressão nunca esteve da sua parte, veio sempre do lado dos prejuizos. —

Pag. XIX

« .... no meio dos maiores desvarios poeticos porque uma vez passou a lingua portugueza em Pernambuco (1869—73).— »

O periodo antecedente (1863 — 69) foi no Recife de uma effervecencia romantica formidavel. Era o tempo da guerra com o Paraguay. As festas patrioticas multiplicavam-se; o theatro, sob o influxo de dignos artistas, estava tambem n'uma phase de esplendor; o salão tomara, por outro lado, com o *recitativo*, um brilho novo. Acima de tudo isto dous espiritos dotados em gráo muito elevado do talento poetico fizeram escóla. O mais velho e fecundo, Tobias Barreto de Menezes introduzira pela vez primeira entre nós o estylo de Victor Hugo; o nobre poeta fôra, porém, sempre moderado.

O outro, Antonio de Castro Alves, seguira-lhe as pisadas com um talento mais que muito apreciavel; elle, comtudo, era um homem de imaginação mais que de sentimento.— Exaggerara o *estylo*. Uma turma de anonymos em seguida encarregou-se de transforma-lo ainda mais, e deu-nos essa *maneira* aspera e retumbante de poetar, que de então para cá, tem valido por uma alluvião.

Estava creado o regimem da *bomba*, como o appelli-

daram. — Depois Castro Alves, levada a dou trina para S. Paulo, morreu, e Tobias Barreto atirou-se á critica, de que representa incontestavelmente o melhor quinhão que possuimos. O desapparecimento dos dous poetas rivaes que tinham cada um o seu partido, coincidio com o incendio do edificio do theatro e com a terminação da guerra. — A poetica *recitatoria* não tinha mais razão de ser; e, todavia, os desconchavos romanticos continuaram, mas dilacerando-se intimamente, tal era o desperdicio de exaggeros que multiplicavam.

Era já tempo de mais alguma reflexão, era tempo de reagir contra o ultra-romantismo.

O autor d'este livro appareceu no periodo academico seguinte (1869—73) e contribuiu para este resultado por meio da critica e de uma melhor intuição da poesia nos tempos hodiernos. Espalhou em variadoe artigos nos jornaes d'aquella capital a ideia, não seguida até agora, de uma litteratura, entre nós, cujos productos de imaginação, abandonados completamente a romantica, o indianismo. e a velha fórma classica, tivessem a imprognação da sciencia contemporanea, a intuição philosophica do dia: o espirito critico.

Contra a poesia *politica* e de *platéa* em voga dizia no *Diario de Pernambuco* de 23 de Junho de 1871: « Por menos que se queira observar, não deixa de tornar-se patente e claro que a poesia vae entre nós, tomando uma direcção erronea e falsissima. Abri todos o livros dos nossos poetas que de todos os lados surgem; não encontrareis ahi uma vasta e profunda poesia, que mostre em cada uma de suas estrophes a vida que borbulha, a seiva que indica o longo

viver, como em corpo robustissimo denotam todos os membros a força da vida sã. Não ; antolhareis com uma poesia que se fez politica, quero dizer, com uma poesia que se fez pequena.

Nada ha menos poetico do que essa poesia que faz partido, essa poesia que se parece com máos artigos de máo jornal de opposição. É a que se encontra nos novos livros de nossos poetas, e não para ahi ; estes livros têm uma outra face. Nem sempre se póde estar a bradar á tyrannia; é preciso tambem algum repouso, algum entretenimento para esses peitos azafamados de tanta lida, de tanto pugnar de tribuno, vai-se tambem ao theatro receber palmas de platéa estulta. Pois bem, uns versos contra o governo, uns versos a uma actriz mediocre, eis ahi o *vasto* circulo em que se quer inscrever a poesia actual brazileira. A' vista de tanta fraqueza, de tanto desanimo da nova geração, não ser-nos-ha licito dizer que á poesia é uma cousa frivola e banal? »

Depois de encaminhada a reacção e divulgada a nova ideia foi o auctor mostrando alguns especimens de melhor genero. E' *innenarravel* o prodigioso numero de descomposturas que soffreu. Mas a morte irremediavel da lyrica sem base e sem vigor da ultra-romantica nacional ahi está para mostrar quem tinha razão. —

O auctor, porem, declara francamente: Do lyrismo hugoico transplantado para o Brazil existe um principio aproveitavel e que restará. E' a fórma mais fulgurante e artistica do que tudo quanto anteriormente tinhamos produzido. Pro este lado, sobretudo, a distancia entre um To-

bias Barreto e um Gonçalves de Magalhães é enorme, como o é a que vae de um Castro Alves a um Gonçalves Dias.

Os Cantos do Fim do Seculo mostram a influencia, até certo ponto, d'esta innovação da fórma; mas o seu espirito é outro e bem diverso. —

Este livro sae muito retardado; por falta de editor, foi sempre sua publicação adiada. O pensamento que exprime e a theoria em que se firma foram pelo auctor pela primeira vez manifestados ao publico ha bem oito annos. Senão sua ideia capital, algumas das vistas secundarias em que se firma, de então para cá, têm se tornado mais ou menos espalhadas e noterias entre nós. O proprio auctor contribuio para este resultado. Em alguns jornaes e periodicos do paiz têm apparecid o boas doses d'essas ideias que outra cousa não são mais do que uma justa e indispensavel implantação da grande reforma intellectual, que ha largos annos, vai transformando o velho mundo. Entre outros, o Sr. A. C. Almeida em o 2° n. da *Idéa* de 1° de Agosto de 1874, no Rio de Janeiro, publicou um bem elaborado artigo, *Poesia e Poetas*, onde algumas das ideias pelo auctor anteriormente emittidas vêm à luz. Evidente mente o honrado critico communga nos mesmos principios do auctor, e ambos beberam na grande fonte européa. O digno Sr. Almeida dedica o seu artigo a Luciano Cordeiro, e é pelo estylo e pelas ideias um seu discipulo.

Ora, Luciano não tem ideia definitiva; ás vezes exhibese sectario da poesia inspirada pela *revolução*, o que aliás não é novo, e outra se nos mostra defensor da poesia *socialista* e *collectiva*, o que tambem já existe, e, finalmente

ha occasiões em que volta-se para o *positivismo*, que é a negação das outras duas formulas que advoga.

O digno escrìptor portuguez em seus dous primeiros livros de *critica* não tem ideia determinada; ainda esta fluctuante e indeciso. — O Sr. Almeida acha-se nas mesmas condições; para elle o *ideial* da poesia de hoje é a *individualidade na collectividade.* Quem sabe a historia da poesia conhece que esse desideratum não é outro mais do que o *alvo a que* sempre tendeu em todos os tempos a verdadeira e grande poesia. Que outra cousa fizeram Homero, Eschilo, Dante, Schakespeare, Milton, Klopstock, Goethe Hugo e Quinet?

Aquillo é uma tendencia, e tendencia *inconsciente*; não é um principio, e muito menos moderno, e original do nosso tempo.

A synthese philosophica é o anhelo do nosso critico e cita-nos como os modelos a seguir o *Ashavens* e a *Lenda dos Seculos*, dos quaes, em sua phrase, a *Visão dos Tempos* e as *Tempestades Sonoras* são esplendido complemento.

Os *Cantos do Fim do Seculo* tambem querem a synthese philosophica; mas por outro modo. O *Ashaverus* e a *Lenda dos Seculos* são uma continuação do romantismo, tendo a metaphysica por base; serviam bem para synthetisar esse espirito historico socialistico que predominou na Europa de 1825 a 1848; não é mais este o ideial de hoje! Comte, Büchner, Darwin, Haeckel, Strauss e Harttman não popularisaram-se embalde nos ultimos dez annos. Tambem embalde não tomou a Allemanha desde 1870 o ascendente sobre os negocios humanos. — A intuição de hoje é outra.

O digno Sr. Almeida algumas ideias aproveitaveis espalhou no seu artigo entre outras a opposição ao *romantismo* e *indianismo* brazileiro. Era uma consequencia natural dos principios mais elevados que professa. O terreno, alem de tudo, estava desde muito preparado. Para salvar a sua responsabilidade, e com franqueza para lembrar o quinhão que lhe cabe n'esta obra de transformação, ahi vai uma lista dos principaes artigos que o auctor espalhou em alguns dos jornaes deste Imperio, escriptos onde se acham desenvolvidas as ideias que, ha bons annos, sustenta:

1° *A Poesia dos Harpejos Poeticos*, preparado em Novembro de 1869 e publicado no periodico intitulado *Crença* no Recife em Abril de 1870. N'esta critica ao livro do Sr. Santa Helena Magno apresentava pela vez primeira a ideia da poesia fundada no criticismo contemporaneo, e combatia, consequencia logica, o romantismo choroso e o indianismo brazileiro.

2° *O que entendemos por poesia Critica*, e duas *Cartas a Manoel Quintiliano da Silva* publicadas em Abril e Maio de 1870 na *Crença*, firmando as mesmas ideias, no primeiro enunciadas.

3° *A Poesia das Phalenas*—na *Crença* de 30 de Maio do mesmo anno. N'esta critica ao livro do Sr. Machado de Assis eram combattidos *o lyrismo subjectivista* e o *humorismo* pretencioso.

4° *A Poesia das Espumas Fluctuantes*. A critica ao desditoso Castro Alves, então ainda vivo, atacava sobre tudo as imitações servis a Victor Hugo feitas pelo poeta. No *Americano* do Recife em Setembro de 1870.

5· *Systema das Contradicções Poeticas*, provando a exte nuação já adiantada dos differentes systemas de poesia qua haviam figurado na historia litteraria do nosso seculo. *Correio Pernambucano* em 1871.

6· *A Poesia e os nossos Poetas* combattendo o romantismo religioso de Gonçalves de Magalhães e o gentilismo de *Gonçalves Dias*, no *Correio Pernambacano* em 1871.

7· A *Proposito de um Livro*, critica das *Peregrinas* do Sr. Victoriano Palhares, em Junho de 1871 no *Diario de Per. nambuco*, combatendo a poesia chula de recitações em theatros e salas, e defendendo contra Ed. Scherer o lyrismo *impessoal* distincto do lyrismo *individualista.* —

8· *Uma pagina sobre Litteratura Nacional* no *Movimento* do *Recife* de 15 de Maio de 1872, estudando a influencia do *meio* e da *raça* sobre o espirito brasileiro.

9· *Realismo e ideialismo* no *Movimento* de 23 de Maio de 1872.

10 *As Legendas e as Epopéas* no mesmo jornal e anno.

11 *A Poesia e a Religião. O Maravilhoso.* idem, idem.

12 *A Poesia e a Sciencia*, ibd, ibid. Todos no mesmo espirito, combattendo velhos erros e reformas pouco firmes.

13 *Camões e os Lusiadas* no *Diario de Pernambuco* de meiados de 1872 sobre o Prefacio do Livro do Sr. Joaquim Nabuco. Agitava-se de novo a questão do indianismo.

14 A *Rotina Litteraria* no *Jornal do Recife* em 1872. Synthese das direcções erroneas da litteratura brasileira neste seculo.

15 Um artigo apreciativo das *Cartas de Sempronio e Cincinnato* contra *Senio*, no *Diario de Pernambuco* de fins de

1872. Battia com inteira independencia os tres combattentes igualmente.

16 *Uns Versos de Moça*, a proposito das *Nebulosas* da Sra. Narcisa Amalia na *Republica* do Rio de Janeiro em 1873. Tractava-se do papel de *Alegria* e da *Tristeza* na poesia.

14 *A Critica Litteraria* em Julho de 1873 no *Liberal* do Recife. Defendiam-se algumas ideias do auctor contra uma critica villan.

18 *O Romantismo no Brasil* e em *Portugal* no *Trabalho* do Recife em Abiil, Maio, Junho e Julho de 1873, Combattia-se o decrepito systema.

19 Uma these sobre *Economia Politica* apresentada ao lente d'aquella materia Faculdade de Direito do Recife, em Setembro de 1873. Avaliava-se do valor do socialismo contra a *Economia Politica*, da critica religiosa contra a *theologia*, e do positivismo contra a metaphysica,

20 — *Um discurso* na Assembléa Provincial de Sergipe, que foi impresso em folhetos. Defendia um projecto sobre a historia da Provincia, e criticava o methodo retrogrado e anti-scientifico dos nossos historiadores. Abril de 1874.

Foram estes os escriptos do auctor apreciados antes do artigo do Sr. A. C. Almeida publicado na *Ideia* de 1º de Agosto de 1874,

Resta só pedir ao leitor mil desculpas]por tão extensa nota. Neste paiz estas cousas tornão-se necessarias... — Tenhamos paciencia.

Pag XXII

« . . . . O leitor terá occasião de marcar muitas extravagancias, talvez.... »

O auctor d'este livro não tem pretenções a ser infallivel; muitas fraquezas em seus escriptos devem-lhe ter sahido. — Parece-lhe, todavia, que existe, entre nós, muito escriptor galardoado que as tenha commettido ainda maiores — Si usa d'esta linguagem é porque alguns soffrimentos. que lhe hão *infligido*, lhe dão este direito. Na Academia e fóra d'ella, quando estudante e depois d'isto, foi sempre o alvo de um bom numero de malsins que sempre o tem atacado.

Não sabe porque, tendo de defender theses, foi processando por injurias, por haver, n'um certame intellectual; declarado—*morta a metaphysica!* Este successo foi uma das originalidades mais profundas que tem visto em sua vida!!....

Por esta mesma causa foi preterido de tirar uma cadeira de philosophia a que, com mais quatro, concorrera, tendo, liás, sido clasificado em primeiro lugar! O concurso foi annullado, e entrando em segundo não foi mais feliz! Estamos ainda em puro reinado theologico — methaphysico!! Ainda soffre-se n'este paiz por causa de uma opinião philosophica..... Quem nos livrará de tanta obscuridade?!....

Entre nós tem-se medo e procura-se afugentar tudo aquillo que tem ares de *critica*. O jornalismo de todo o paiz está em mãos, em sua quasi totalidade, de individuos que, longe de reagirem contra as trevas que nos de-

primem, parece que se esforçam para consolida-las. O auctor recorda-se de um facto comsigo acontecido: havendo escripto, e publicado n'um periodico do Recife, um estudo sobre uma obra de auctor brasileiro, e pedindo, a sua reproducção n'uma grande folha da Capital do Imperio, apresentou a um dos co-redactores dessa folha o seu trabalho. N'essa occasião disse ao cavalheiro com que se entendia: «só o não publique si encontrar algum desparate ou algum erro.» O seu interlocutor deu-lhe promessa de o ler, e o não fez, dando, comtudo, a sua primeira parte á impressão.

Eis que, quando, dias mais tarde, lhe vai ser entregue a segunda parte do estudo, o digno jornalista se apresenta de ar um pouco fechado e diz: «Ora! você enganou-me!.. aquillo estava muito forte! O Sr. fulano (um outro redactor e co-proprietario) está muito zangado comigo, por ter eu deixado sahir tal publicação.... «Em fim, você só continúa, porque já começou; mas ha de moderar as censuras!!...» Avalia-se o incommodo que taes palavras deviam causar a quem pedia um favor.— Entretanto, o referido escripto si era brando, ainda mais brando ficou, para continuar a sahir!....

D'ahi por diante nenhum outro escripto do auctor foi publicado naquelle celebre jornal, ainda que lá adormecesse por mezes... E não era por falta de criterio e segurança de vistas, nem pelo estylo, que foi até, por elles, elogiado; era o odio á *critica*; era a oposição ao pensamento *livre*!... Ah! o genio de Molière!

Pag. 11

Esse brado de avanço — o — «Quid times?»

É a celebre exclamação de Cesar ao barqueiro amedrontado: — *Quid times? Cesarem vehis!...»* Julgou-se melhor repeti-la na lingua do insigne romano do que traduzi-la. O mesmo se fez á pag. 57 no verso da poesia Mazzini:

— «Italia mia!» diz Pètrarcha ausente. —

È o bello começo de uma canção do grande poèta italiano:

« Italia mia, bench 'l parlar sia indarno.»

Pareceu que traduzir taes expressões, aliás tão curtas, seria desfigura-las. A critica decidirá.

Pags........................ 17, 49, 99, 139, 203.

O DIABO, A REVOLUÇÃO, A CIVILISAÇÃO, A NUVEM, O PAMPA....

As peças d'este livro, como ficou notado, foram compostas de 69 a 73, e o foram com longos intervallos de uma a outra e não na ordem em que se acham no corpo do volume. — Muitas sahiram publicadas nos jornaes de Pernambuco. Quasi todos soffreram criticas acerbisssimas, que eram completas verrinas. As citadas acimas, entre outras, tiveram a honra de muitas paginas insultuosas. Valeram ao auctor hebdomadariamente o ser chasqueado em immundos pasquins. Nunca teve, na imprensa, uma voz amiga que o animasse ou aconselhasse em algum merito ou defeito que, porventura, concientemente descobrisse. A razão elle a conhecia; o *poeta* era injuriado por causa de algumas verdades duras demonstradas pelo *critico*. — Entretanto nunca foi provocado a uma discussão

regular; era simples e *patrioticamente* atassalhado. Podera muito bem calar estas cousas; ellas, porem, são uma das faces hediondas porque se manifesta a vida mental não dirá de seu paiz, mas de alguns circulos de atrasados que o deturpam, e o nota mesmo por amor d'elle.

Devemos-nos que sentimos desejo de trabalhar, faze-lo sempre, qualquer que possa ser o menos, preço que nos aguarde, quaesquer que sejam as asperezas do caminho. E' a coragem da convicção, tenhamo-la todos.

Pag. 175

A MONTANHA

As duas ultimas estrophes d'esta poesia carecem de explicação, por seu caracter historico, aliás muito simples. Fizeram-se referencias a tres factos notaveis passados no Monte Carmélo.—Lá é que Pithagoras, o philosopho grego, foi adorar o Deos *Echo*; *é* conhecida a historia do propheta Elias n'esse monte com os sacerdotes de Baal, e, o que talvez seja mais ignorado, àlli foi Vespaziano, pai do Imperador Tito, e elle tambem Imperador de Roma, fazer um sacrificio no tempo das duras guerras da Judéa que terminaram com a destruição de Jerusalem. —Estes successos deram áquella montanha um caracter altamente nobre que o auctor aproveitou, empregando o anachronismo de unir o philosopho ao propheta e ao monarcha. Veja-se na *Revue des Deux Mondes* de 15 de Setembro de 4870 o interessante artigo de Ath. Coquerel —*La Galilée de Jesus.* —

ERROS PRINCIPAES

PAG.	LIN.	ERRO	EMMENDA
VIII	29	revolução	evolução
X	21	alguns	álguns
XVI	5	attribue-lhendoes	attribuindo-lhes
XVII	3	algumas desconfianças	alguma desconfiança.
4	4	grel	grei
5	2	vulcões	volcões
55	9	Robespiere	Sobespiérre
55	14	arrancada	arrancadas
64	13	Passemos inda adiante	Sim, passemos adiante
79	7	como se tecem	como lá se tecem
109	11	passagem	paisagem
112	2	os mais bellos	são mais bellos
118	18	levre	livre
123	2	Fingida	Tingida
177	4	Molde	molde
179	2	Maior que ha !	maior o que ha !
183	15	hierohliphico	hieroglypho
186	20	christal	crystal
192	9	Apronta	Aponta
199	8	impavidas	impavidos
206	13	desprend	desprende





